

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA:  
FORMANDO PROFESSORES PARA A ÁREA RURAL? (1949-1969)**

**ALINE DA CONCEIÇÃO MIGUEL**

**SÃO CRISTOVÃO-SE  
JUNHO, 2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA:  
FORMANDO PROFESSORES PARA A ÁREA RURAL? (1949-1969)**

**ALINE DA CONCEIÇÃO MIGUEL**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, como pré-requisito à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Anamaria G. Bueno de Freitas.

**SÃO CRISTOVÃO-SE  
JUNHO 2011**

## **RESUMO**

Este estudo trata da implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga no período de 1949 a 1969 na cidade de Itabaiana. As duas primeiras décadas de funcionamento da referida instituição foram marcantes para a formação dos professores da região do semi-árido sergipano. As fontes utilizadas foram: depoimentos de ex-normalistas, legislação, fontes documentais consultadas em diferentes acervos e a historiografia educacional sergipana. Espera-se contribuir com a reflexão acerca do valor simbólico/significativo da educação para a cultura educacional da região. Os pressupostos teórico-metodológicos mobilizados vinculam-se à história da educação de acordo com a matriz da história cultural, privilegiando as categorias de memória e cultura escolar.

**Palavras-chave:** Escola Normal Rural Murilo Braga – Formação de professores – História da Educação – Sergipe.

## ABSTRACT

This study it deals with the implantation of Escola Normal Rural Murilo Braga from 1949 to 1969 in Itabaiana-SE. The two first decades of functioning of the institution were very important for the teachers education of the Sergipe's semi-arid region. The used sources were: ex-student personal account, legislation, documents consulted in different collections and some aspects of Sergipe's educational historiography. One expects to contribute with the reflection concerning significant/symbolic values of the education to the local educational culture. The theoretical-methodological presuppositions associate the history education in accordance with the cultural history, privileging memory and school culture categories.

Keywords: Escola Normal Rural Murilo Braga – Teachers education – History Education – Sergipe.

*As pedras talhadas e encaixadas para compor uma casa não passam de um meio; a casa é o fim. Seremos também nós, como seres humanos individuais, não mais um meio que vive e ama, luta e morre, em prol do todo social?*

*Norbert Elias*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, e por me conceder a graça de chegar onde cheguei e encontrar as pessoas indispensáveis para a minha formação.

À minha mãe que sempre projetou em mim a chance de fazer diferente, me encorajando, cerceando, respeitando e sustentando cada uma das minhas aspirações rumo à educação.

A cada um dos meus irmãos (Débora, Frede, Fernanda e Rodrigo) pela força, disponibilidade, demonstração de carinho, e momentos de incompatibilidade também. À minha avó Carmosa pela atenção. A meu pai pela pecúnia periódica. Às minhas tias, e ao tio Adalberto que mesmo estando longe, demonstrou confiança e carinho por mim, muito obrigada mesmo. E demais familiares que contribuíram de forma direta ou indireta. Muito grata!

À minha madrinha Luciene e família, pessoa por quem tenho grande estima e admiração, por ter colaborado durante esses anos, e não ter dispensado esforços vendo a urgência das minhas necessidades! Ao atencioso, Chiquinho, pessoa admirável, obrigada pelas palavras sinceras!

Aos amigos unânimes: Cris, Nino, Jéssica, Thamisa, Valdomiro, etc. Obrigada pelas confidências, palavras de carinho e momentos de diversão. Desejo retribuir sempre o mesmo carinho por vocês!

Às amigas que tive a felicidade de encontrar no universo acadêmico, e que quero levar para toda vida: Hellen e sua família, vocês são fantásticos; Laís, de sabedoria inigualável; Maria Betânia, uma lição de vida; Mara Rute, sinceridade em pessoa; e a cada um que participou junto a mim dessa trajetória árdua, mas feliz. Que Deus as ilumine e abençoe sempre!

Ao querido professor Miguel André Berger, que felizmente pude encontrar na minha trajetória acadêmica. Este foi o grande idealizador da minha pesquisa, por sua causa, sei que este foi o melhor caminho o qual poderia ter seguido, e assim superar mais esta etapa.

À professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, quem me orientou, dispensou atenção e interesse. Obrigada pela paciência e carinho no trato com a minha monografia. Vendo a minha tamanha dificuldade, teve equilíbrio e discernimento para me poupar do desespero, mesmo não dando muito certo, isso foi muito importante. Que Deus torne plena a sua serenidade. Gratidão inenarrável!

Aos professores que me fizeram crescer em conhecimento, sabedoria e competência no universo acadêmico. Em especial ao professor, Hermeson Menezes, pela disponibilidade e presteza em doar seu precioso tempo para a constituição deste trabalho; pessoa por quem tenho grande apreço, um exemplo de profissional, ser humano e amigo! Meus sinceros agradecimentos.

Aos professores Fábio Alves, Josefa Eliana e Rivadálvio Lima, que estiveram dispostos e me indicaram caminhos a seguir rumo à pesquisa. E também ao amigo

conterrâneo e historiador, Wanderley Menezes, pessoa de inteligência e faro investigativo incansável.

A cada um dos distintos entrevistados por me concederem momentos de sua atenção. Sem a colaboração de vocês este trabalho não seria viável. Abraço caloroso!

Às intermediárias colegas Silvânia e Izabel Cristina por se mobilizarem em encontrar fontes para a minha pesquisa. Vocês foram indispensáveis!

Ao colega de Diretório de Pedagogia, José Douglas Alves dos Santos, por tamanha presteza em colaborar nos detalhes semifinais da minha monografia. Isso representou muito para mim. E aos demais companheiros Dalepianos. Um abraço!

Enfim, que os agradecimentos se distribuam a todos os que aqui não foram citados, mas não tenham dúvida que foram importantes e essenciais para a minha existência e a concretização deste trabalho. Muitíssimo Obrigada!!!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO I – ESCOLA NORMAL RURAL: SEUS PARADIGMAS E SUAS PRÁTICAS.....</b>	<b>06</b>
1.1. A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA.....	07
1.2. ESCOLA NORMAL RURAL COMO LÓCUS DE FORMAÇÃO DOCENTE.....	17
<b>CAPÍTULO II – VIVÊNCIAS: POR QUE ESTUDAR NA ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA.....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS DOS DEPOIMENTOS.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS</b>	

## LISTA DE QUADROS

Quadro I – Currículo de Formação.....	11
Quadro II – Disciplinas por série e ano.....	20
Quadro III – Relação de concludentes da primeira turma.....	22

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O professor Acrísio Cruz. ....	08
Figura 2 – Localização de Itabaiana. ....	14
Figura 3 - Fachada do Colégio Murilo Braga. ....	15
Figura 4 - Fachada recente do Colégio Estadual Murilo Braga. ....	15
Figura 5 - Dr. Murilo Braga de Carvalho. ....	16
Figura 6 - Maria do Carmo Andrade. ....	25
Figura 7 - Maria Salete dos Santos Almeida. ....	25
Figura 8 - Grupo de teatro das normalistas. ....	30
Figura 9 - Desfile cívico. ....	33
Figura 10 - Juramento da formatura da turma de 1967. ....	33

## INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é de verificar a história da implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga situada no município de Itabaiana-SE, de modo a explicar o porquê da necessidade da instituição no período de 1949, a formação, a cultura, os vestígios materiais, mediante a contribuição de seus egressos. Tendo em vista que, a partir de 1969 observa-se a modificação na sua nomenclatura para “Colégio Estadual Murilo Braga”.

Sendo assim, o interesse em pesquisar o referente tema se deve à necessidade de conhecer as diferentes facetas educacionais que a instituição desde a sua fundação experimentou, sendo o período do curso normal o destaque desta monografia. A ideia inicial para construção deste trabalho partiu de uma sugestão do Professor Dr. Miguel André Berger, no curso da disciplina de Tópicos Especiais em Educação, reconhecendo a importância em se tratar mais especificamente da Escola Normal que ali se fizera presente, e contemplando assim os meus anseios.

O recorte temporal de 1949 a 1969 assim está, devido a Escola ter ostentado, por exatamente duas décadas, o nome de Escola Normal Rural Murilo Braga. Pois, a partir de 1969, com o Decreto-Lei nº16 de 15 de maio, a instituição tem seu contexto ampliado com os cursos: Ginásial, Normal e Científico. Ou seja, não houve uma interrupção do curso normal com a mudança, mas uma abrangência quanto ao atendimento educacional, contando a partir de então com o curso Científico criado durante o governo de Lourival Batista.

Para a construção da tessitura deste trabalho optou-se por fazer uso de: fontes orais e escritas, partindo de referências que tratam sobre a instituição; decretos-lei; visitas ao memorial que guarda sua história na própria instituição, a fim de colher dados significativos; bem como de depoimentos de egressos da escola normal dentro do período de 1949 a 1969.

Foi através de ofício, posteriormente transformado no projeto de lei nº 106/49, enviado pelo Diretor Geral de Educação do Estado, na época, Acrísio Cruz, ao governador de Sergipe, que se tornou possível a criação de algumas Escolas Normais no interior do Estado, a princípio nas cidades de Lagarto e Itabaiana. (LIMA, 2002).

Dado o contexto nacional da educação no período do Estado Novo (1937-1945) percebe-se a ocorrência de modificações nas questões voltadas às escolas, com interesses em atender a uma nova demanda da sociedade, esta situada na área rural. Ou seja, a atenção estava direcionada ao homem do campo, como ser também responsável pelo crescimento do país, quando fixo a terra. Por isso houve neste período movimentos como, “A Marcha para o oeste”<sup>1</sup> com o intuito de valorizar o campo e mostrar para os camponeses as vantagens em se permanecer nele.

A idéia de Ruralismo Pedagógico<sup>2</sup>, que surge na perspectiva de conter o êxodo rural, fora motivado pela falta de esperança na terra, estimulado pela forte concentração de indústrias nas grandes cidades. Então se tornou mister atentar para as questões do campo, visto que o país direta ou indiretamente estava afetado por influências internacionais, que viam no Brasil grande parceria comercial.

A movimentação em torno das bases para um ensino adequado, tanto para o homem quanto para o meio, se espalhava. Corrobora-se que, o caminho para transformar o quadro social caótico que se desenhava no país nas primeiras décadas do século XX seria “tecendo saberes” significativos e condizentes ao contexto, mas sem se desvencilhar das diretrizes da ideologia dominante.

Em levantamento realizado no PDPH (Programa de Documentação e Pesquisa Histórica) na UFS foram localizados 27 estudos (Monografias de Licenciatura e Bacharelado do curso de História-Campus São Cristovão; Monografias de Licenciatura em História desenvolvidas no Programa de Qualificação Docente; e Dissertações de Mestrado) sobre Itabaiana, realizados nos períodos entre 1984 e 2008. Alguns destes estudos tratam sobre a Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, como era conhecida nos idos de agosto de 1888 quando finalmente foi elevada à categoria de cidade, é o caso de: Santos, Maria (1984); Mendonça (2007) e Oliveira (2000).

A maior parte deles trata de aspectos econômicos, sociais e culturais nos séculos XIX e XX, como em: Santos, Aguinaldo (2005); Góis, Manoel (2005); Souza (1996); Silva, Acácia (2002); Vasconcelos (2002); Barros, Ângela (2000); Santos, Josivalda (2002); Santos, Isabel (2002); Santos, Aldo (2002); Lima, Josileide (2008); Machado (2002); Leite (2002); Lima, Valter (2002); Monteiro Filho (2007); Barros, Marcos

---

<sup>1</sup> No ano de 1938, o governo Vargas lança a campanha visando criar disposições favoráveis à vida rural, contribuindo, ao mesmo tempo, para incentivar a ida de populações pobres para o interior, além de favorecer a permanência do trabalhador rural no campo. (PRADO, 1995:01) .

<sup>2</sup> O ruralismo pretendia fixar o homem no campo, impedindo as migrações do campo para a cidade, implantando escolas que atuassem com respeito às idiossincrasias regionais. (LEITE, 2002:28).

(2008); Ferreira (2002); Góis, Maria (2002); Santos, Maria Nazaré (2008); Cruz (2002); Santos, Katiane (2008); Santos, Antônio (1993) e Silva, Viviam (2004).

Os trabalhos localizados que tratam da educação em Itabaiana foram: Santos, Elizangela (2006), Pereira (2002), Santos, Isabel (2002). Os que trazem o Murilo Braga como objeto de estudo são: Pereira (2002) e Santos, Isabel (2002).

Estes dois últimos trabalhos realizados por Isabel de Carvalho Santos (2002), e Soleide dos Santos Pereira (2002) contribuem de maneira a preservar a história do Colégio Estadual Murilo Braga desde a sua fundação, especificamente no trabalho de Isabel Santos (2002) que foca a instituição desde o ano de 1949 até a comemoração do seu cinquentenário em 1999. Já o estudo de Soleide Pereira (2002) apresenta o recorte do ano de 1977 a 1984, com o intuito de pesquisar as memórias dos estudantes do Colégio que viveram no período do Regime Militar, verifica como era o comportamento dos jovens itabaianenses frente às mobilizações, o que pensavam, como agiam e viviam a política dentro do “Murilo Braga” e como isso era refletido na região.

Na investigação de Isabel Santos (2002) encontramos dados relevantes, a autora faz um apanhado histórico da colaboração da Escola para a região, utiliza fontes impressas como jornais e revistas tanto da cidade quanto do Estado, e explora as vozes dos atores que viveram o “Murilo Braga”, de pessoas que ali se formaram, atuaram como professores, ou ocuparam outros cargos, não menos importantes, dentro e fora da instituição. Porém, na extensão do seu trabalho não se encontra nenhuma referência crítica relacionada ao currículo da formação docente, que do nosso ponto de vista cabe ser ressaltado.

Destarte, este estudo se faz singular no sentido de querer compreender um período específico, a Escola Normal Rural Murilo Braga de 1949 a 1969, que por muitos são citados, mas que não centralizaram na importância e significado do Curso para Formação de Professores Primários, dada as suas lacunas. Todavia, este trabalho não se pretende dizer completo nem esgotado, pois seus aspectos podem render novos aprofundamentos em estudos futuros.

Um dos pontos significativos para a implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga é a carência de escolas para atender ao crescente número de estudantes, em virtude do crescimento social pelo qual vinha passando Itabaiana no período de 1940 a 1950 (LIMA, 2002:19). E também pela necessidade de qualificar melhor os professores do interior, sendo que, era descabido esperar uma oportunidade para ter de se deslocar até a capital e adquirir tal habilitação. Isso demonstra que, a partir de então, um maior

contingente de pessoas e outros grupos sociais terão acesso à educação e a uma formação profissional naquele meio, que outrora se restringia.

É mediante a Lei 212, de 29 de novembro de 1949 que o então governador do Estado, José Rollemberg Leite sanciona a criação do ensino secundário para o interior sergipano, assegurando no seu art. 3º que, os professores formados pelas Escolas Normais Rurais teriam direito exclusivo de lecionarem nas escolas primárias rurais. (LIMA, 2002:19). Cabe uma reflexão específica sobre este aspecto para analisar melhor esta Lei e seus artigos quanto à sua aplicação, ao passo que, de acordo com Mendonça (1958), a proposta curricular, os processos didáticos atribuídos eram idênticos ao do Instituto de Educação Rui Barbosa. (MENDONÇA, 1958). A partir desta crítica de Nunes Mendonça, cabe a pergunta: Não seria necessário adotar modalidades específicas, já que o ensino dispensado deveria ser para outra clientela, e não a urbana?

A Escola Normal Rural Murilo Braga deu, assim, início às suas atividades letivas do curso ginásial em março de 1950 e do curso normal em meados do ano de 1954. (LIMA, 2002:30).

Os objetivos deste estudo são: analisar a história da implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga, e os aspectos da cultura escolar dessa instituição no período de 1949 a 1969, na cidade de Itabaiana-SE; identificar elementos da cultura escolar e dos currículos formativos da Escola Normal Rural Murilo Braga.

Oliveira (2002) em seu texto, sobre a História das Instituições Educativas, corrobora com a importância desses elementos para uma análise singular, que se pauta em apreender elementos que possam conferir às instituições, um sentido histórico no contexto social de sua época, bem como suas influências até os nossos dias. (OLIVEIRA, 2002:73).

Para a realização deste trabalho foram consultados os seguintes acervos: Memorial do Colégio Estadual Murilo Braga<sup>3</sup>; Inspeção Escolar do Estado de Sergipe; Diretoria Regional de Ensino de Itabaiana; Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Secretaria de Estado da Educação; Biblioteca Pública Epfânio Dórea. Foram realizadas cinco entrevistas (conforme roteiro em anexo I) com ex-normalistas. Os documentos analisados foram: legislação, regulamentos, ofícios, entre outros. Para análise destes documentos e entrevistas foi utilizada a categoria de cultura escolar, segundo Dominique Julia:

---

<sup>3</sup> O Memorial do colégio foi inaugurado no ano de comemoração ao seu cinquentenário, em 1999. Atualmente encontra-se desativado, com pretensões de reforma.

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001:10).

As normas, os regulamentos e as práticas formalistas fizeram parte do cotidiano dos ex-normalistas entrevistados, bem como a cultura material escolar.

Ao recortar o universo da cultura material escolar especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007:170).

Este estudo se estrutura em dois capítulos. No primeiro apresenta-se o cenário do município de Itabaiana e o processo de implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga, que atendeu aos dispositivos da Legislação Nacional e Estadual.

Apesar da dificuldade de acesso a trabalhos e estudos sobre Escolas Normais Rurais no Brasil, foi possível perceber, a partir do material disponível, as aproximações e distanciamentos da proposta do “Murilo Braga” e de outras instituições congêneres, em alguns estados brasileiros.

No segundo capítulo, foram evidenciadas as lembranças e vivências dos ex-normalistas entrevistados. Onde objetiva-se recordar sobre as motivações que os conduziram ao curso de formação; as relações com os colegas, professores e direção; as disciplinas curriculares; as festividades; a atuação no magistério, entre outros aspectos.

Deveras, a importância desempenhada por esta instituição gerou grande euforia dentro da comunidade itabaianense; ampliava-se, assim, o leque de oportunidades dos jovens, que sedentos buscavam ampliar seus horizontes no âmbito do conhecimento e, por conseguinte, uma estabilidade financeira há muito propalada pelo viés do exercício do magistério.

## **CAPÍTULO I - ESCOLA NORMAL RURAL: SEUS PARADIGMAS E SUAS PRÁTICAS**

O Brasil com a instituição da República no final do século XIX e a influência do modelo urbano-industrial, requer uma nova visão relativa ao modelo educacional até então predominante. É, principalmente, na Era Vargas (1930-1945) que novos contornos da educação vão se delineando, inclusive com o “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” que propunha uma visão anticlerical de poder sobre a educação, leiga, gratuita e obrigatória. (HILSDORF, 2003). Porém, a repressão, o autoritarismo do Estado Novo, rebatedor das idéias liberais, impõe a visão geral centralizadora, conforme os ideais políticos de um ensino pautado no patriotismo, na disciplina e obediência, para consolidar uma nação moderna.

A questão que se coloca é que, servindo à nação, a educação servia ao Estado, instrutor da nação. Assim, as linhas ideológicas que definem a política educacional do período vão se orientando pelas matrizes instituintes do Estado Novo: Centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização. (HILSDORF, 2003:99).

A partir das duas primeiras décadas do século XX novos olhares estão voltados para a questão de viabilizar uma educação para o campo, de uma escola em co-atuação com os aspectos regionais. Isso para que, em virtude da grande movimentação de pessoas do campo para a cidade, houvesse um controle do inchaço urbano. Desta feita, essa nova política de investimentos para incentivo da permanência do homem e sua família no campo, vê na vertente educativa fator de valorização da cultura e dos aspectos de vida campestres.

No governo do Estado Novo, com Getúlio Vargas é criada em 1937 a Sociedade Brasileira de Educação Rural. A preocupação em estender o atendimento às áreas rurais estava em dar assistência aos campestres que viviam em condições nada satisfatórias para o desenvolvimento do país. Estes eram “classificados como desprovidos de valores, de sistematização do trabalho ou mesmo de capacidade para tarefas socialmente significativas.” (LEITE, 1999:34). Em meados da década de 1940, na parceria com fundações norte-americanas, o Brasil elaborou projetos educacionais na zona rural para viabilizar o desenvolvimento das comunidades campestres, mediante a criação de

centros de treinamento para professores especializados que repassariam as informações técnicas aos rurícolas.

Todas essas manifestações em prol das comunidades interioranas tinham em seu bojo finalidades ideológicas, pois

[...] o sentido de contenção que orienta as iniciativas no ensino rural se mantém, mas, agora, coloca-se explicitamente o papel da educação como canal de difusão ideológica. Era preciso alfabetizar, mas sem descuidar dos princípios de disciplina e civismo. (MAIA, 1982 apud LEITE, 1999:31).

Destarte, como apresenta Adonia Prado (1995) o discurso sobre a importância de uma escola adequada ao tempo e espaço no Estado Novo pretendia indicar homens e instituições comprometidos com projetos governamentais, em relação aos quais a grande maioria dos brasileiros encontrava-se completamente alienada. (PRADO, 1995).

### **1.1- A implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga**

Abarcando esse contexto de ampliações e iniciativas, no final dos anos 1940, sob alegação de que as escolas de grau normal e secundário do primeiro ciclo da capital do Estado, não atendiam aos anseios educacionais e à demanda do povo sergipano, Acrísio Cruz, então Diretor Geral de Educação do Estado, aparece como o divisor de águas da educação no interior.

Este estudioso, natural de Laranjeiras, sempre apresentou preocupação com os rumos do ensino no interior de seu Estado. Teve seus trabalhos, com concepções inovadoras para o Brasil, consagrados dentro e fora do país. De tão interessado pela qualidade na formação do professor, escreveu obras para facilitar nos conhecimentos básicos dos conteúdos, para uma preparação científica e perfeita deste profissional. Também transmitia nas suas comunicações, propriedade e discernimento quanto à psicologia do mundo infantil, como quando fala sobre a “personalidade infantil e escola”. (BARRETO, 2006).



Fig. 1. Professor Acrísio Cruz. Fonte: <http://linux.alfamaweb.com>.

A implantação da Escola Normal Rural Murilo Braga em Itabaiana fez da cidade um celeiro de pessoas influentes tanto na política quanto nas artes e na magistratura. Isso mostra o quão importante foi o papel da instituição para consolidação de uma cultura intelectual no interior, e isso se deve ao reconhecimento e sensibilidade de pessoas que viam na educação um meio capaz de transformação social. A questão educacional esteve em pauta como causa *sui generis* pelo então governador do estado à época, José Rollemberg Leite, tornando concreta a sua ideologia com a criação das Escolas Normais nos municípios do interior sergipano, Itabaiana e Lagarto.

Assim dispõe a lei que regulamenta a implantação das duas escolas:

## LEI Nº 212 – DE 29 DE NOVEMBRO DE 1949

## CRIA 2 ESCOLAS NORMAIS RURAIS

O Governo do Estado de Sergipe:

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Ficam criadas duas (2) Escolas Normais Rurais, com sede nas cidades de Lagarto e Itabaiana, respectivamente.

Parágrafo Único – Cada Escola Normal Rural manterá um curso de Ginásio e um de Formação de Professores.

Art. 2º - O ensino, nas Escolas Normais a que se refere o artigo anterior, obedecerá a legislação em vigor e as instruções que forem baixadas.

Art. 3º - Fica assegurado aos professores formados pelas Escolas Normais Rurais o direito exclusivo de regerem as escolas primárias rurais.

Parágrafo Único – Enquanto não houver professores formados por estas escolas Normais Rurais, as escolas primárias rurais serão regidas por professores diplomados por outras Escolas Normais do Estado.

Art. 4º - A manutenção das Escolas Normais Rurais far-se-á pelo sistema de acordo entre o Estado e os Municípios citados, para o que fica o chefe do Poder Executivo autorizado.

Art. 5º - Ficam criados dois (2) Cargos de Diretor em Comissão, Padrão O, sendo um da Escola Normal Rural de Itabaiana e outro da Escola Normal Rural de Lagarto.

Art. 6º - Fica o Poder Executivo autorizado, respeitada a legislação federal, a contratar o pessoal docente e administrativo para os referidos estabelecimentos de ensino.

Art. 7º - O provimento e admissão para os cargos relativos a pessoal docentes e administrativos, far-se-ão à medida que forem funcionando os estabelecimentos referidos nessa Lei.

Art. 8º - Fica o Poder Executivo autorizado a baixar os regulamentos das Unidades escolares acima criadas.

Art. 9º - Fica aberto o crédito especial de cem mil cruzeiros (Cr\$ 100,000,00) com vigência até 1950, para as despesas da presente Lei que entrará em vigor na data de publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Sergipe Aracaju, 29 de Novembro de 1949, 61 da República

(aa) José Rollemberg Leite

José de Araújo Monteiro

José de Silva Ribeiro Silva (LIMA, 2002:19).

A referida lei é clara e objetiva quando determina em seu art. 3º a exclusividade dos professores formados nas Escolas Normais Rurais de regerem as escolas primárias rurais. Mas, dado o seu caráter de urgência, não se vê preocupação quanto ao currículo, já que ele deveria se enquadrar às instruções da lei em vigor. Verifica-se um descompasso entre o que se exige e o que é verdadeiramente praticado, uma vez que

esses professores deveriam ter prioridade na docência na zona rural, mas não adquiriam no curso os conhecimentos específicos deste meio.

Segundo observa-se em Dantas Júnior (2006), estão também presentes na Constituição Estadual, promulgada em 16 de julho de 1947 no seu Artigo 147, os princípios norteadores da educação em Sergipe:

- 1º- Conhecimento e domínio da higiene e da saúde;
- 2º- Conhecimento e domínio dos recursos e oportunidades, especialmente agrícolas e climatológicas do meio físico local, de que depende a comunidade para o seu sustento;
- 3º- Conhecimento e domínio da vida doméstica decente e cômoda, sem degradação nem exploração de crianças, nem mulheres;
- 4º- Conhecimento e domínio da arte da recreação. (DANTAS JÚNIOR, 2006:228).

Este autor vem retratar a contribuição da política educacional implementada na gestão de José Rollemberg Leite como governador e de Acrísio Cruz como diretor do Departamento de Educação do Estado (1947-1951), ressaltando o impulso modernizador dado à instrução no estado com a criação de faculdades, e com a expansão do ensino secundário ao interior.

Todavia, consta-se na Portaria nº 495, de 12 de outubro de 1950, do Departamento de Educação, a necessidade de qualificação dos professores nas seguintes disciplinas: Português, Matemática, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Estatística Educacional, Metodologia e Prática do Ensino Primário, Canto Orfeônico, Trabalhos Manuais e Educação Física. (DANTAS JÚNIOR, 2006:231). Demonstra assim, mais uma adequação aos princípios da pedagogia moderna<sup>4</sup> e uma ausente alusão ao que prega a pedagogia experimental<sup>5</sup>.

E também, pelo que se pode perceber, devido a falta de definição das exigências na formação dos docentes que assumiriam as cadeiras na Escola Normal Rural Murilo Braga, eram empossadas pessoas não qualificadas, de conhecimentos superficiais para os devidos fins. O que se poderia considerar teoricamente e conseqüentemente uma má formação do quadro dos futuros professores.

---

<sup>4</sup> A educação no Brasil durante as primeiras décadas do século XX, estava envolvida numa proposta de mudança estrutural, na qual estavam inseridos os novos projetos que englobavam desde a introdução de novos métodos de ensino à proposta de civilização do povo e de homogeneização cultural. (VALENÇA, 2004:09).

<sup>5</sup> Refere-se à “adoção de processos pedagógicos ativos, primando pela transmissão dos conhecimentos e técnicas próprios à educação da criança.” (DANTAS JÚNIOR, 2006:221).

A estrutura curricular adotada buscou aliar as disciplinas propostas na Lei Orgânica do Ensino Normal (nº 8.530/46), dispostas em seu capítulo II, art. 8 e art. 9. Quando de início das atividades do curso normal em Itabaiana, a primeira turma adquiria o título em dois anos, modalidade prevista na lei, e depois passou a ser oferecido o curso estruturado em três séries.

Segundo o disposto na Lei 8.530/46, a formação docente acontecia em três possibilidades: o curso de Regentes de ensino primário que se perfazia em quatro séries anuais, e se destinava a atuação somente no ensino primário; o curso de Formação de Professores Primários organizado em três séries anuais, permitido o funcionamento do curso em dois anos de estudos intensivos; e o Instituto de Educação onde, além dos cursos próprios da escola normal, ministrasse também ensino de especialização do magistério e de habilitação para administradores escolares do grau primário, compreendendo os seguintes ramos: educação pré-primária; didática especial do curso complementar primário; didática especial do ensino supletivo; didática especial de desenho e artes aplicadas; didática especial de música e canto.

Observa-se no Quadro I uma comparação entre os currículos dos cursos determinados na Lei 8.530/46 (Lei Orgânica do Ensino Normal), e proposto pela Lei 212/49 na Escola Normal Rural Murilo Braga. Chama atenção a ausência do ensino de Física, Química e Anatomia e Fisiologia Humanas (previstas para a 1ª série na lei orgânica para o ensino rural); de Biologia Educacional, Higiene e Educação Sanitária; Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação (previstas para 2ª série); e da Prática de Ensino (prevista para a 3ª série da mesma lei) no currículo proposto na Escola Normal Rural Murilo Braga.

Quadro I – Currículo Formativo do Curso Normal previsto na Lei 8.530 e da Escola Normal Rural Murilo Braga.

Curso de Formação de Professores Lei 8.530/46	Escola Normal Rural Murilo Braga
Em três séries anuais compreendem-se as seguintes disciplinas:	
Primeira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Física e química. 4) Anatomia e fisiologia humanas. 5) Música e canto. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Educação física, recreação, e jogos. Segunda série: 1) Biologia educacional.	Primeira série: 1) Psicologia Educacional. 2) Pedagogia. 3) Português. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Geografia. 6) Matemática. 7) História. 8) Educação Física. 9) Desenho e artes. 10) Música e Canto. (1963).

<p>2) Psicologia educacional. 3) Higiene e educação sanitária. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Desenho e artes aplicadas. 6) Música e canto. 7) Educação física, recreação e jogos.</p> <p>Terceira série: 1) Psicologia educacional. 2) Sociologia educacional. 3) História e filosofia da educação. 4) Higiene e puericultura. 5) Metodologia do ensino primário. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto, 8) Prática do ensino. 9) Educação física, recreação e jogos.</p>	<p>Segunda série: 1) Psicologia. 2) Pedagogia. 3) Português e Literatura. 4) Metodologia. 5) Administração. 6) Matemática. 7) História Geral. (1964).</p> <p>Terceira série: 1) Psicologia Educacional. 2) Português e Literatura. 3) Metodologia do ensino primário. 4) Administração. 5) Biologia. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e Canto. 8) Educação Física. (1965).</p>
<p>Em duas séries anuais compreendem-se as seguintes disciplinas</p>	
<p>Primeira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Biologia educacional (noções de anatomia e fisiologia humanas e higiene). 4) Psicologia educacional (noções de psicologia da criança e fundamentos psicológicos da educação). 5) Metodologia do ensino primário. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto. 8) Educação física, recreação e jogos.</p> <p>Segunda série: 1) Psicologia educacional. 2) Fundamentos sociais da educação. 3) Puericultura e educação sanitária. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Prática de ensino. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto. 8) Educação física, recreação e jogos.</p>	<p>Primeira série: 1) Psicologia educacional. 2) Pedagogia. 3) Português. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Biologia. 6) Matemática. 7) Literatura. 8) Desenho e Artes aplicadas. 9) Música e Canto. 10) Educação Física.</p> <p>Segunda série: 1) Psicologia educacional. 2) Prática. 3) Português. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Puericultura. 6) Sociologia. 7) Literatura. 8) Desenho e Artes. 9) Música e Canto. 10) Educação física.</p>

Fonte: Lei 8.530/46; Documentos do acervo do Memorial do Colégio Estadual Murilo Braga.

A parte do currículo que distribui as disciplinas em duas séries anuais apresenta uma correlação entre os dois programas. Apesar de a instituição mostrar um quadro com mais disciplinas que as dispostas na lei, também possui brechas. Na primeira série conta com a inserção a mais das disciplinas de Pedagogia e Literatura, e há ausência da disciplina de Recreação e Jogos que igualmente falta à segunda série. Na segunda série acrescenta-se o ensino do Português, de Sociologia e Literatura.

O contexto educacional no município contava com quadro de professores primários ínfimo, até a década de 1950, cerca de oito atuantes para atender a cidade e o seu interior, a criação da Escola Normal Rural Murilo Braga foi implementada para abarcar as demandas e com o intuito de impulsionar o desenvolvimento educacional e cultural do município. Sendo isso uma questão de tempo para se ter a ampliação do

quadro docente, que se tornara indispensável para abarcar o quantitativo de estudantes. Assim se resumia o contexto educacional que se apresentava no município até o ano de 1960.

Segundo dados colhidos de 1964<sup>6</sup>, Itabaiana evoluía em seu contexto educacional, tendo uma população em idade escolar (entre 7 e 14 anos) de 7.236 o que correspondia a 14,61% da população total. O município possuía 123 escolas primárias: 22 estaduais, 92 municipais e 10 particulares. Em 1968 as matrículas do ensino primário atingiram 4.593 alunos, que dispunham de 84 salas de aula e recebiam instrução por parte de 116 professores. Em 1969 Itabaiana possuía uma população de 8.462 habitantes em idade escolar, mas 23,08% não frequentava a escola.

Também era sentido no cenário da educação municipal a precarização do ensino, com professores desqualificados, falta de metodologia adequada e de supervisão pedagógica. No ensino primário contabilizavam 155 professores não diplomados e 72 diplomados; a disponibilidade de matrículas no ensino primário da rede municipal e estadual atingia em 1969 o número de 6.005 vagas, mas também se observa um número expressivo de reprovação na sua primeira série, de mais de quatro mil alunos. No ensino médio (ginasial, comercial, colegial e normal) encontram-se dados de apenas professores sem diploma, um quantitativo de 48.

É apontado ainda no Relatório Preliminar de Desenvolvimento Integrado (1971), que as condições precárias das instalações e equipamentos das escolas municipais deixavam a desejar no rendimento dos trabalhos: algumas não possuíam sanitários; somente algumas escolas da área urbana é que possuíam filtros para água; insuficiência de equipamentos; as escolas rurais, em sua maioria, funcionavam na dependência de professores.

Em se tratando do contexto econômico, no ano de 1949, contando com um quantitativo de cerca de 30 mil habitantes, Itabaiana tinha em seu setor industrial rendimento inexpressível, sendo a agricultura considerada a marca mais expressiva de sua economia à época. Possuía uma distribuição equitativa de riquezas, possibilitando uma estrutura social sem grandes desníveis e pontos extremos opostos, fazendo com que o equilíbrio social não provocasse transformações de grande dinamismo e de caráter revolucionário. (LIMA, 2002).

---

<sup>6</sup> Dados contidos no relatório preliminar de desenvolvimento integrado- Itabaiana 1971. Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe.

É notória a forte contribuição da desenvoltura do comércio na cidade, para a expansão urbana e econômica, pois, Itabaiana é considerada como pólo comercial importante no Estado, chamada, por muitos, de “terra do ouro” devido à propagada lenda na história, de que em sua serra existissem jazidas minerais (ouro e prata). E tendo também como referência o maior mercado a “céu aberto” do interior, quiçá do Estado, atrai centenas de pessoas dos municípios arredores, da capital e estados vizinhos, pela boa fama da qualidade dos seus produtos e do atendimento.



Fig. 2. Localização de Itabaiana. Fonte: <http://upload.wikimedia.org>.

O município abarca dezenas de povoados; sua hidrografia é composta pela bacia do Rio Sergipe, Riacho da Ribeira e Riacho Coqueiro (MENDONÇA & CRUZ E SILVA, 2002). Seu nome é, apesar de encontrarmos outras definições até míticas, de origem indígena, o tupi, e tem como marca a sua Serra: Ita (pedra=serra) + Taba (aldeia) + Aone (alguém), que significa “Naquela Serra tem uma Aldeia onde mora Alguém”. Atualmente sua população se aproxima de 87 mil habitantes (IBGE, 2010). Segundo dados do IBGE (2007), possui um quadro de docentes (pré-escola, ensino fundamental e médio) de 1.180; quadro de escolas: Fundamental, 86; Pré-escola, 72; Médio, 09.



Fig. 3. Fachada do Colégio Murilo Braga. Pintura de Luiz Antônio, 1974. Fonte: Memorial do CEMB.

A instituição em debate, desde a sua criação, no final da década de 1940, tem como logradouro à Rua Quintino Bocaiúva, 659, no centro de Itabaiana. De lá para cá o prédio arregimentou inúmeras ampliações e reformas, mas conservando sua base, sempre se manteve fixo ao mesmo terreno consolidando assim a sua resistência e compromisso com a transformação cultural e social da população daquela localidade.



Fig. 4. Fachada recente da entrada principal do Colégio Estadual Murilo Braga. Fonte: acervo da autora (2011).

Todavia, cria-se comumente, não obstante, um saudosismo quanto aos períodos de glória que a mesma desfrutara anos atrás; seja pela figura enérgica e competente de alguns gestores, seja pelo quadro de excelentes alunos, e pelo respeito imprimido pela sociedade à escola. À época, nas palavras do Professor José Rivadálvio Lima, a Escola Normal Rural fazia parte de um projeto piloto, encabeçado pelo governo do Estado com o apoio do Ministério da Educação, por isso o nome em homenagem ao Diretor do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) de 1945 a 1952, Dr. Murilo Braga de Carvalho.

Murilo Braga de Carvalho nasceu em 08 de dezembro de 1912 em Luzilândia-Piauí, foi Bacharel em Direito; educador; ocupou o cargo da divisão do DASP (Divisão do Departamento Administrativo do Serviço Público) em 1939. Faleceu em 1952 num desastre aéreo no Amazonas quando de viagem aos Estados Unidos para representar o Brasil em um Congresso de Educação.



Fig. 5. Dr. Murilo Braga de Carvalho. Fonte: Memorial do CEMB.

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos desde a sua fundação em 1938 até 1964 passou por três direções: Lourenço Filho (1938-1945); Murilo Braga de Carvalho (1945-1952) e Anísio Teixeira (1952-1964). E neste percurso enfrentou algumas modificações ministeriais, o que descaracterizou a sua função como instituto de pesquisa, assim é colocado por Mariani (1982):

Em 1945, com o fim do Estado Novo, Lourenço Filho foi substituído por Murilo Braga de Carvalho. Nesse período o INEP praticamente perdeu o seu caráter de instituto de pesquisas: continuaram apenas alguns serviços de documentação ligados à legislação e publicaram-se catálogos sobre as oportunidades de educação existentes no país. As razões foram várias: a principal talvez tenha sido a extinção da Diretoria do Ensino Primário e Normal, e a passagem das suas atribuições para o INEP, que, junto com a administração dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário, passou a ocupar a quase totalidade da atenção do instituto: a tarefa de construir escolas em zonas rurais, nas fronteiras e nas áreas de colonização estrangeira, levaram à necessidade de estudos a respeito do melhor tipo de prédio para grupos escolares, escolas isoladas, escolas normais. Da função de administrador do Fundo Nacional do Ensino Primário surgiu um novo setor, o de Aperfeiçoamento do Magistério, que oferecia cursos de especialização no Distrito Federal, para professoras primárias do interior, em regime de bolsas de estudo. (MARIANI, 1982:171).

Isso mostra também que todo o contexto nacional estava se voltando para as novas problemáticas educacionais, e o INEP foi um órgão importantíssimo para difusão de novas práticas e investimentos para o ensino primário e secundário no país. Inclusive, na gestão de Anísio Teixeira, homem de visão que se posicionou sempre a frente do seu tempo, aproveitou dos novos contornos administrativos e deu um maior dinamismo à instituição, com a criação de novos programas para auxiliar na profissionalização e nas práticas de ensino.

## **1.2- A Escola Normal Rural como locus de formação docente**

A Escola Normal Rural Murilo Braga a exemplo de outras escolas normais rurais criadas no Brasil, como: a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte-CE fundada em 1934 é considerada a primeira instituição do país destinada a formar professores ruralistas (MAGALHÃES JUNIOR & FARIAS, 2007); a Escola

Normal de Vitória da Conquista-BA no final de 1934 (MENDES, 2004); a Escola Normal Rural de Piracicaba-SP também criada na década de 1930 (SOUZA, 2009); a Escola Normal Rural Murialdo-RS em 1942 (WERLE, 2008); e a Escola Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo-MG criada em agosto de 1948 (PEIXOTO & ANDRADE, 2007); pretendia qualificar profissionais para atuar no cenário educacional das suas, respectivas, regiões.

Como se pode perceber, as dadas instituições algumas tiveram seu advento em períodos diferentes, outras se aproximam mais, e todas obedeceram a um propósito ideológico que se tinha perante as leis de ensino.

Antes da disposição da Lei Orgânica do ensino para as Escolas Normais através do Decreto-lei n. 8.530 de 02 de Janeiro de 1946, as escolas normais se pautavam ainda no modelo das escolas de formação de professores do final do império. O princípio de uma educação rural que preparasse os indivíduos para saber lidar com a terra, e adotar as novas técnicas agrícolas, não obteve êxito no seu currículo prático em algumas destas instituições. Isso está apontado no trabalho de Mendes (2004) com o depoimento de uma estudante do período da escola normal rural:

O curso não tinha nada de rural. Para falar a verdade nunca nos mostraram uma horta. Lembro-me de um único trabalho que falava no meio rural: centro de interesse do boi e do café. (apud. MENDES, 2004:67).

Isso se ajusta à falta de fiscalização para o cumprimento das normas propostas, e, ou, um ajustamento para o descompasso com as verdadeiras necessidades e urgências regionais, pois cabia mais suprir as carências do espaço urbano já que aquele território era também de aspectos interioranos. Se bem que, era legitimado aos Estados “imprimir à educação institucional a orientação que melhor atendesse às solicitações do seu meio físico e social, dando ao ensino fisionomia própria, organização e conteúdo capazes de satisfazer as necessidades locais.” (MENDONÇA, 1958:63).

Já na experiência da Escola Normal Rural do Rio Grande do Sul fica constatada no currículo a importância dada às práticas da cultura agrícola.

[...] a Escola Normal Rural pratica uma cultura escolar dando visibilidade e espaço no currículo para estudos referentes à agricultura, agrimensura, zootecnia e outros temas do mundo rural. (WERLE, 2008:69).

[...] na história da instituição, foi muito forte a identidade com o mundo rural, mais forte até do que a com o campo da formação docente. (WERLE, 2008:99).

O estudo de Flávia Obino Werle apresenta características singulares se comparada a de outras instituições. É interessante notar tanto as diferenças em relação ao currículo quanto à clientela absorvida, já que, “o Curso Normal Rural, foi, em território gaúcho, um espaço de formação de homens para o ensino de primeiras letras em zonas rurais.” (WERLE, 2008:68).

Isso se explica pelo fato de as atividades que deveriam ser apreendidas exigirem uma ação distanciada do espaço doméstico referente às mulheres. Porém, esse entendimento não se abrange para todas as demais instancias das escolas normais; se bem que, depois com a precarização do ensino, os baixos salários, os homens acabam se distanciando e procurando outros campos de trabalho.

Mendonça (1958) aponta que em Sergipe a falta de interesse por esse ramo de ensino tem duas causas principais: os baixos salários e o não aproveitamento dos normalistas diplomados no magistério público, em cujo quadro se ingressava por favoritismo. (MENDONÇA, 1958:178-179). Isso, diuturnamente, vai provocar o que se caracteriza por “feminização do magistério” em consonância com o que é trazido por Faria Filho (2007).

Um dos principais norteadores da feminização do magistério foi justamente a maior presença das meninas na escola em um momento em que apenas as mulheres poderiam lhe dar aulas. (FARIA FILHO, 2007:202).

Magalhães Júnior (2007) em sua pesquisa apresenta uma reflexão acerca das práticas pedagógicas que marcaram o cotidiano da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte-Ce. Mostra que o território cearense foi palco de várias experiências de escolas normais rurais. A primeira Escola Normal Rural do Brasil traz em seu bojo preocupações no que diz respeito à formação adequada dos seus docentes, pois, nos anos iniciais de estudos complementares havia o exercício de práticas agrícolas com as disciplinas de: atividades rurais; botânica; educação sanitária e agricultura. Deveras, consegue-se, através do seu trabalho, verificar uma educação em respeito às idiossincrasias da cultura do campo, sendo isso, fruto de uma iniciativa que “[...]”

juntava necessidade, sonho e vontade de educar em uma ação verdadeiramente cruzadista e libertadora.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2007: 68).

A Escola Normal Rural em Itabaiana teve problemas com a descaracterização da proposta de ensino rural, uma vez que não se observa nos documentos nenhum registro com disciplinas voltadas para as técnicas agrícolas. Constatam-se em diferentes séries e períodos do curso de Formação de Professores Primários as seguintes matérias:

Quadro II – Disciplinas por série e ano da Escola

1ª Série (1954)	2ª Série (1958)	3ª Série (1969)
Psicologia Educacional	Português	Psicologia Educacional
Pedagogia	Literatura	Prática
Português	Metodologia	Português
Metodologia do Ensino Primário	Psicologia	Metodologia do Ensino Primário
Biologia	Sociologia	Matemática
Matemática	Puericultura	Didática da Ciência dos Estudos Sociológicos
Literatura	Prática	Administração
Desenho e Artes Aplicadas	Administração	Filosofia da Educação
Música e Canto	Desenho	
Educação Física	Canto Orfeônico	
	Educação Física	

Fonte: Diário de notas, Memorial do CEMB (1954-1969).

Este quadro está exposto de modo a dispor as disciplinas no decorrer de alguns anos do curso; há uma diferença referente ao quantitativo de disciplinas entre as três séries, estando concentrado um maior número na segunda série, e em menor no último ano. A partir da fonte consultada, não foi possível observar uma variação<sup>7</sup>, uma dinâmica significativa das matérias que atendessem aos anseios de uma educação voltada para o campo.

Uma experiência instigante se observa em Minas Gerais na Escola Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo (1949-1971). A escola funcionava em sistema de internato só para meninas, surge na perspectiva de transformar os modos rudimentares,

<sup>7</sup> Nos anexos estão dispostas as disciplinas e as alterações ocorridas durante os anos.

e colaborar para uma formação mais culta dos camponeses; e também mediante a precariedade das escolas primárias e da falta de preparo do professor. Esta apresentava rigor e lisura desde a organização do seu currículo até os hábitos cotidianos das internas; o controle do tempo e o cumprimento de todos os deveres diários.

[...] além de possuir uma formação geral esmerada e um bom preparo para o exercício, ela deveria dominar técnicas relacionadas ao cultivo e à exploração do campo. As práticas revelam também a preocupação em inculcar hábitos corretos de higiene, cuidados com a saúde e outros, e valores relacionados às tradições culturais do país e particularmente do mundo rural. (PEIXOTO & ANDRADE, 2007: 115).

As práticas de ensino eram baseadas em métodos inovadores para a época, é tanto que as descreve como representações em ação. Para isso, cabia também uma estrutura física adequada e com todos os meios necessários. Ao final, as autoras concluem que todo aquele ensino de qualidade dispensado, abriu novos horizontes e perspectivas para as alunas e, contraditoriamente, acabou por afastá-las das escolas rurais. (PEIXOTO & ANDRADE, 2007: 125).

Rosa Fátima de Souza (2009) em seu livro, *Alicerces da Pátria*, registra a história da Escola Primária no estado de São Paulo entre os anos de 1890 e 1976. Ressalta as problemáticas de funcionamento das escolas rurais, como: a falta de estrutura, ambiências insalubres, mão de obra escassa devido aos baixos vencimentos, entre outros. Ou seja, o pleno descaso pelo qual passava a população do campo era avassalador; e o poder público não lançava mão de fazer benfeitorias na educação desse local, pois o meio urbano era o mais visionado e de maior retorno político e econômico.

Mesmo assim, levar instrução, seja precária, à população do campo era a medida de contenção da mesma à terra. O advento da Escola Normal Rural em Piracicaba, nos anos de 1930, se deu para amenizar as problemáticas da educação rural no interior paulista, e os professores deveriam dominar conhecimentos sobre agricultura, higiene e enfermagem, enfim, tornar-se um incentivador do progresso no campo, e não, necessariamente, um entendedor profundo das técnicas. (SOUZA, 2009:151). É elucidada a condição do docente, muitas vezes, tendo de arcar com as despesas, o isolamento, o contraste cultural, além de problemas relacionados à distância, ao ambiente sem as ferramentas e acomodações adequadas. (SOUZA, 2009: 154).

As instituições rurais coadunam entre si (as condições de trabalho, salários irrisórios, escassez da mão de obra, incentivos políticos, etc.) e se excluem (quanto à proposta curricular, destino dos docentes, clientela absorvida, disposição dos meios, etc.).

No que diz respeito à demanda por matrículas na Escola Normal Rural Murilo Braga, chegou nos anos de 1966 a 1969 a um total de de 240 vagas; destacando-se uma quase predominância do sexo feminino e um número ínfimo do sexo masculino. A título de exemplo, o primeiro ano de conclusão do curso formou apenas mulheres. Observa-se no quadro a relação dos nomes:

Quadro III – Concludentes da 1ª Turma do curso de formação de professores.

Concludentes da 1ª turma de Formação de Professores (1955)
Elze Soares Feitosa
Estela Menezes dos Santos
Helenita Soares Feitosa
Josefina Gentil de Oliveira
Maria de Lourdes Santos
Maria Pureza da Conceição
Maria Tereza Fagundes
Raimunda Santana

Fonte: Caderno de Notas Finais, Memorial do CEMB (1955).

A falta de perspectiva da população rumo ao mercado de trabalho, a necessidade em se adquirir instrução conduzia a sociedade a lutar com as armas que possuísse. E a Escola Normal em Itabaiana tornou-se o “Eldorado” na vida de muitas pessoas da região.

Nunes Mendonça (1958) assinala que em meados do século XX em Sergipe o contexto de professores formados era muito reduzido, prevalecendo o número de professores sem formação específica, leigos (incapazes, semi-analfabetos e desinteressados) que atingia a cifra de 67,3% da classe. O ápice e a decadência de professores normalistas, principalmente na rede estadual, estão entre os anos de 1945 e 1955, isso sucedia à medida que iam surgindo novas oportunidades de as mulheres exercerem cargos mais vantajosos financeiramente. (MENDONÇA, 1958:158).

Como foi possível perceber em outros estados brasileiros, a Escola Normal Rural se preocupava com a instrumentalização docente para as escolas rurais, como aconteceu com as escolas do Rio Grande do Sul, do Ceará, de São Paulo e de Minas Gerais. No caso da Escola Normal Rural de Itabaiana, até o momento não foi encontrada nenhuma referência, nem nos documentos analisados, nem nos depoimentos coletados, que comprove uma práxis com atenção às disciplinas e/ou atividades formativas relacionadas diretamente com a área rural, como já alertava Nunes Mendonça em 1958.

## **CAPÍTULO II - VIVÊNCIAS: POR QUE ESTUDAR NA ESCOLA NORMAL RURAL MURILO BRAGA?**

Como proposto, este capítulo traz à baila os depoimentos das ex-normalistas. Traçando tanto o que se assemelha quanto o que se diferencia em seus depoimentos. Para isso, compreende-se a importância da fonte oral como meio capaz de reter informações, talvez, não obtidas, se e somente se, pelos recursos materiais consultados.

Entre as muitas fontes utilizadas para investigar as instituições educativas, consideramos relevante que o pesquisador recorra à História Oral para historiar uma instituição educativa, na perspectiva de estar compreendendo que os mais velhos ou as pessoas mais comuns envolvidas no processo, sabem mais de alguma coisa. (OLIVEIRA, 2002: 75).

Olhando por esta vertente, tentou-se captar através dos depoimentos, a trajetória das normalistas, as vivências, as relações humanas e materiais ali presentes. Apresentamos o perfil dos entrevistados.

Elze Soares Andrade tem 72 anos, é viúva, natural de Carira; o pai não chegou a concluir o ensino fundamental; a mãe concluiu o ensino fundamental. Tem dez irmãos, dois destes são falecidos; todos os irmãos concluíram o segundo grau e alguns chegaram a fazer faculdade. A principal fonte de renda vem da aposentadoria por viuvez. Tem dois filhos, um homem e uma mulher, os dois são advogados. Tem formação em Letras Português. Fez parte da primeira turma do curso de Formação de Professores em 1954.

Maria Salete dos Santos Almeida tem 63 anos, natural de Itabaiana, é casada; o pai não concluiu o primário, a mãe chegou a concluir o primário. Tem onze irmãos, sendo três mortos; todos os irmãos frequentaram a escola, mas a maioria não concluiu. A principal fonte de renda é a aposentadoria. Teve quatro filhos, sendo um falecido; dois cursam nível superior (Tecnologia da Informação e Administração) e o outro chegou a cursar Licenciatura em Matemática. Fez parte da turma do Pedagógico de 1966.

Margarida Maria Andrade de Oliveira tem 62 anos, natural de Itabaiana, é casada; o pai não concluiu o primário, a mãe concluiu o primário. Teve sete irmãos, sendo dois mortos; todos estudaram o colegial (correspondente ao ensino médio), um irmão se formou em direito. É aposentada pelo estado. Tem dois filhos: uma formada em Letras; o outro é técnico em sonorização, e chegou a cursar até o quarto período de Educação Física. A entrevistada fez parte da turma do Curso de Formação de professores do ano de 1967, fez curso adicional e tem formação em Letras Português.

Suzaneide Tavares Melo tem 64 anos é casada, natural de Itabaiana. Os pais não tiveram o ensino primário concluído; tem cinco irmãos, um concluiu o ensino ginasial e quatro concluíram curso de formação. É aposentada pelo Estado; tem duas filhas, uma com nível superior em Informática e a outra em Administração. Fez parte da turma do Curso de Formação de 1963. Não chegou a exercer por muito tempo o ofício de professora devido a problemas nas cordas vocais, fez curso de especialização na área de supervisão escolar. E também tem formação em Letras.

José Elson da Silva Melo tem 66 anos, natural de Itabaiana. Os pais concluíram o ensino primário; é filho único. Atua no ramo do comércio; é casado e tem duas filhas uma com nível superior em informática e a outra em Administração. Ingressou no Curso de Formação na turma de 1962, mas não concluiu o mesmo e não atuou na área. Portanto, não apresenta em sua experiência a contribuição quanto ao exercício no magistério.



Fig. 6 – Maria do Carmo Andrade.  
Fonte: Acervo de Elze Soares Andrade.



Fig. 7 – Maria Salete dos Santos Almeida.  
Fonte: Acervo de Maria Salete.

Os ex-normalistas trazem nas falas concepções diferenciadas quanto às normas e sanções impostas pela instituição, pois, assim representam quando solicitados que comentassem sobre o rigor e as exigências da época na escola:

É... era tão interessante, e como era exigido as coisas lá no Murilo Braga que... essa colega que eu lhe falei, que ela morreu há poucos dias, ela teve uma bicicleta, foi a primeira das alunas, das primeiras bicicletas que mulher tinha em Itabaiana, e ela tinha uma, a mãe dela morava no Rio, e ela morava com os avós em Itabaiana. E ela ganhou uma bicicleta, e ela levou essa bicicleta lá para o Ginásio, e lá tinha uma área muito grande, não tinha aqueles pavilhões todos que tem hoje, uma área aberta muito grande; na hora do recreio ela me convidou pra ver essa bicicleta dela, aí na hora do intervalo, aí ela andou, eu andei lá na frente do Murilo Braga; aí nós tomamos suspensão de quatro dias cada uma. Você imagine que valores na época! Porque andou de bicicleta dentro do colégio nós fomos suspensas. (ANDRADE, 2010). [...]

Não, é, eles eram exigentes. Eram e não eram... porque quem quer ordem tem que ter exigência, né, porque se não! Maria Pereira<sup>8</sup> foi fora de série; aluno não tomava conta dela, ela tinha uma disciplina. Ainda hoje se comenta isso. Foi a... a melhor direção foi com ela. (ALMEIDA, 2010).

[...] Eu tomei três dias de suspensão no Murilo Braga com a professora Maria Andrade, porque eu não gostava de OSPB, não gostava, e ela nos passou um trabalho que era pra desenhar a bandeira do Brasil, o selo e o escudo, esse tipo de coisa, e depois era pra fazer um texto comentando o hino nacional... Pra começar eu pintei a bandeira brasileira de azul, vermelho e branca e disse que ela representava a dominação dos Estados Unidos... Foi, isso, eu tomei três dias de suspensão. (OLIVEIRA, 2011).

[...] E tinha as inspetoras de aluno que era o pior... elas fofocavam muito. Se a gente sentasse assim, elas contavam, se sentasse assim, elas contavam. As inspetoras eram muito rigorosa. Cada turma tinha uma. (TAVARES MELO, 2011).

[...] Você não podia fumar, não podia sair, os portões eram trancados, né. Agora, eu fumava, e saía, pulava o muro... depois pulava o muro pra voltar. Tomei muita suspensão... Eu respeitava na presença porque todos eram amigos do meu pai, então não ia. (MELO, 2011).

Embora se apresente uma situação com diferentes pontos de vista, pois uma considera um exagero tal punição, talvez por ser uma experiência vivida pela própria, outra demonstra condescendência com o pulso firme usado pela administradora, pela admiração e respeito que a mesma impunha, outra revela uma atitude de rebeldia exacerbada para a época, que lhe “rendeu” uma suspensão. Outra retrata o papel das inspetoras como o de maior rigor e disciplina. O ex-aluno mostra que subvertia as

---

<sup>8</sup>Maria da Conceição, conhecida por Maria Pereira, foi diretora do Colégio Estadual Murilo Braga por mais de 14 anos seguidos, de 1967 até 1981, dada a sua competência administrativa. (LIMA, 2002:81).

regras, sofria as sanções, mas tinha respeito pela figura presente do professor pelo fato de ser conhecido do pai.

É inevitável destacar que os períodos vividos como normalistas, pregavam um modelo educacional com respeito às normas ditatoriais do Estado, e que, portanto, ressaltavam a disciplina e obediência às regras. Ou seja, o tipo de regime implementado pelo contexto político nacional, principalmente durante a Ditadura Militar, servia de espelho para a extensão escolar e demais instâncias. E isso pode despertar nas pessoas tanto aversão quanto adesão ao modelo posto na época.

Em relação à figura de Maria da Conceição, ainda considera-se:

[...] a essa altura teve a sorte de botar Maria Pereira lá no ginásio, e ela tomou as rédeas de tudo, e aí passou a funcionar normalmente, depois de Maria Pereira, acho que alguém botou na cabeça dele<sup>9</sup> que ele não precisava tá lá metendo a colher. E aí, Maria Pereira foi uma diretora de três mil alunos às vezes que... deu cabo às entradas impertinentes dos chefes políticos. (ANDRADE, 2010).

São ricos e importantes os detalhes trazidos a título de informação sobre o espaço da escola, a clarividência da personalidade de uma gestora em poder administrar uma instituição e seu alunado extenso, além da capacidade de subverter o jogo político sem causar agitações.

Quando inquiridos sobre a motivação em adentrar e fazer um curso na Escola Normal Rural Murilo Braga, apresentaram inserções distanciadas para o mesmo fim:

Porque sempre... sempre lá em casa todo mundo queria estudar... Porque era a oportunidade... Era a única. Foi criado lá, foi um acaso da gente ter essa Escola lá, foi assim, caído do céu. (ANDRADE, 2010).

Eu tinha muita vontade de fazer o curso que chamavam de clássico aqui em Aracaju. Era um curso que abrangia mais o estudo de línguas... Era um curso antigo que tinha aqui no Atheneu. Mas meu pai não podia pagar pensionato aqui pra mim, eu não queria ficar na casa de parente. Então eu optei pelo curso normal já pensando em depois prosseguir com qualquer coisa que me encaminhasse para o estudo de línguas. (OLIVEIRA, 2011).

---

<sup>9</sup> Refere-se ao chefe político, que adentrava na escola de forma imprudente contra os alunos.

O apoio da família e o prestígio da instituição foram salientados pelos ex-normalistas. Já para a outra ex-normalista ocorreu uma motivação diferente.

Influência de colega... Quando fiz o ginásio elas fizeram, e eu também... A família ajudou. Porque não era tão chegada a estudo não, sabe?! Mas, mediante minhas colegas eu me influenciei também, e no fim, passei a gostar, me sentia bem, estudar. (ALMEIDA, 2010).

Também o desejo em adquirir instrução e alcançar outro patamar, como o de fazer um curso ligado a uma área de interesse, tornava motivador ingressar naquela instituição, segundo a fala da ex-normalista. Então, a vontade de galgar para outras áreas fazia perceber que o curso normal era a porta de entrada para trajetórias profissionais futuras.

[...] não era minha opção. Eu queria ser médica, mas meu pai não deixou. Ele disse: “Você vai estudar o que tiver aqui na cidade.” Aí, era o que tinha na cidade. Por falta de opção fiz o pedagógico, mas não me decepcionei, gostei. O ensino era fraco, mas aqui também era interior não é?! Depois a gente vai fazer faculdade e melhora muito. (TAVARES MELO, 2011).

Os ex-alunos apresentam quadro familiar diferente, e por isso trazem à tona percursos distanciados. Observa-se o estímulo pelo interesse dos pais e irmãos nos estudos, pelo amor à cidade onde mora, e também se atenta para a questão de oportunidade unilateral que se tinha naquela época para as moças; uma análise sobre esse último aspecto está presente na obra de Freitas (2003):

[...] a profissionalização, realizada através do curso, era socialmente valorizada e incentivada. Além disso, a possibilidade de colocação no mercado de trabalho, magistério público ou privado era uma garantia. (FREITAS, 2003:43).

Há também a motivação por influência externa das amigas, e de forma benéfica pode colaborar para a entrada e atuação no magistério. Porém, haja vista as diferenças, isso não gerou descontentamento, repulsa ou menor dedicação, por parte da maioria, no exercício da profissão. Reconhecem a dedicação, e se inspiraram nisso, quando relatam sobre os professores e suas competências:

Maravilhosos... Todos, todos eram bons. Eram muito bons todos. Competentes, se esforçavam... eu tenho lembrança de muitos deles. [...] Melchíades José de Souza, que era o professor mais dedicado, mais... é... disponível, ele tinha disponibilidade; ele era professor. Os outros tinha outra profissão, e dava aquela matéria; eram poucos que tinham só... o ofício de professor. Naquela época... era assim, qualquer um que tinha... tinha bancários que ia dar inglês... ele é que se dedicava a ser professor; e ensinou muito, passou muito pra gente, viu. (ANDRADE, 2010).

Bom, como todo curso, como todo lugar que você estuda, alguns muito bons, outros regulares, outros bem abaixo de regulares. A maioria nem era formada mesmo, mas eram esforçados, a maioria era estudante de universidade, nada envolvendo pedagogia. Quem era ali que fazia curso de pedagogia?! Porque Maria Andrade foi minha professora de Didática de Estudos Sociais e ela se formou em Letras Português; a professora Iara que era de Didática da Linguagem na época não fazia curso superior não, mas era muito esforçada, era uma excelente professora. Eram professoras esforçadas... (OLIVEIRA, 2011)

Apesar dos elogios aos professores, é flagrante na fala da ex-aluna, a falta de uma preparação adequada por parte da maioria dos profissionais; ao passo que, assumia o cargo a pessoa que dominasse uma área do conhecimento, independente da sua área de formação.

[...] Tinha a professora Maria do Carmo Machado, que era nossa professora de Administração Escolar, ela era estudante de História na universidade. Tinha a professora Maria José Oliveira que era professora de Didática da Ciência (tinha as didáticas específicas), e ela estudava Pedagogia, essa estudava Pedagogia. Professor de português eu tive o professor João de Deus, que era estudante de Direito, ele ensinava Português e ensinava Literatura. Tinha o professor Moisés que era professor de Filosofia e Psicologia, não tinha formatura específica de nenhuma disciplina, que Deus o tenha, deixa a desejar demais. Tivemos a professora Ofenísia que era professora de Didática Geral, na época ela estudava Letras na universidade... muito boa professora, excelente, não precisa nem elogio pra isso. (OLIVEIRA, 2011).

Naquela época o ensino, tudo era à base da política. Eu tinha professores, vamos dizer, que eram formados em Geografia e ensinava Matemática. Ele queria era trabalhar, e o político queria que ele fosse pra lá (risos). Não tinha professor naquela época, assim, suficiente. Eu tinha professor de Geografia que ensinava Francês. (MELO, 2011).

Outro aspecto também se observa na fala seguinte:

Como eram?... Maravilhosos. (risos)... Gostava. Tinha o professor José Bezerra que foi juiz aqui em Itabaiana; tinha o professor Oliveira... todos falecidos. Professor José Augusto Siqueira; professor Samuel; professora Marli... Professora Lourdes Oliveira... [...] Me lembro demais dos meus professores, do professor Bezerra principalmente. [...] Esse professor Bezerra mesmo, uma aula dele era uma coisa linda; às vezes ele deixava até a matéria. (ALMEIDA, 2010).

As ex-normalistas reconhecem a qualidade dos professores, duas usaram o termo “Maravilhosos” para qualificar essas pessoas que fizeram parte e que de alguma forma serviu de exemplo tanto na vida quanto na profissão. Percebe que a competência do profissional não está representada somente no domínio de conteúdos, mas também nas lições de vida prática, e na lindeza dos ensinamentos.

Outro aspecto apurado nas entrevistas foi em relação aos colegas de turma, como interagiam entre si, a união, a cooperação, as brincadeiras etc.

Ótima. A gente brincava muito. A gente, era muito interessante tudo, era muito bom, muito bom. Saudades até hoje que a gente tem desses quarenta e nove, quarenta e nove que primeiro entram lá no Murilo Braga uma turma de quarenta e nove alunos. Ainda hoje temos amigos, temos tudo... [...] (ANDRADE, 2010).



Fig. 8 – Grupo de teatro das normalistas. Fonte: Acervo de Margarida Oliveira.

É colocado o aspecto quantitativo do alunado que ingressava na escola, e dos laços criados entre todos, isso não se demonstra como um simples coleguismo, mas a constituição de amizades verdadeiras durante anos. É bem verdade que os valores transmitidos no contexto vivido pelos normalistas condiziam com regras de civilidade e normalidades.

Ótima. Era bom demais, eu dava graças a Deus chegar a hora de ir. Me lembro de um colega que eu gostava demais... como amigo, como colega. Que ele era do Brito (*Campo do Brito*), ele era excelente, uma pessoa, tinha muita educação, sabia conversar com a gente, tinha muito respeito, e ele me considerava demais. Tem uma amiga Josivalda, ela mora em Recife, me lembro muito dela... Nos horários vagos a gente saía, ia sentar lá do lado da sala, ficava lanchando, lanchando, conversar, pôr as fofocas em dias. (risos). Era divertido demais. Era sempre uma novidade. Era bom demais. (ALMEIDA, 2010).

A proximidade que cidade pequena proporciona, também colabora para um maior envolvimento entre seus habitantes e para a construção de laços de amizade. Assim é ressaltado na fala:

Ótima. Antigamente era melhor, tinha mais coleguismo do que hoje. Também era menos gente, né?! (risos). O conhecimento, já se conhecia um ao outro. E hoje não, um é de Lagarto, outro é de Itabaiana, um de Frei Paulo... quer dizer, torna mais difícil, né?! A cidade já não era grande naquela época, muito pequena, aí todo mundo já se conhecia, as famílias eram amigas. (MELO, 2011).

Muito bom, excelente. Gostava de todos, não tinha inimizade. A turma muito boa, me unia com todo mundo. Organizava bailes, outras festinhas, todos se organizavam. Era turma muito boa, muito unida. (TAVARES MELO, 2011).

A análise feita pelos entrevistados corresponde positivamente a uma relação harmônica, onde havia o respeito, a consideração, e o acordo em planejar coisas juntos. E isso, pode-se dizer, que vai de acordo com os valores, com a cultura disseminada na sociedade, condizente à cultura educacional exigida naquele

contexto. Ao mínimo de subversão ao sistema havia punição<sup>10</sup>, e isso era temido por todos os seus integrantes, acredita-se.

No trabalho de Mendes (2000) são assinaladas as características exemplares da Escola Normal de Vitória da Conquista quanto às festividades, comemorações. A autora faz uma análise crítica das representações assumidas pelas normalistas que viveram em um período de valorização das “consciências patrióticas”, e que, portanto, eram imbuídas, tinham o dever de transmitir as mesmas consciências apreendidas ao restante da sociedade.

Nas escolas normais a ideia de educar para a pátria era recorrente, e grande parte dessas instituições cumpria um importante papel disciplinador e normalizador, forjando consciências patrióticas que seriam disseminadas por toda sociedade. (MENDES, 2000:113).

Quanto às comemorações recordam dos festejos juninos, do sete de setembro e da solenidade de formatura. Falam da obrigatoriedade de participarem das comemorações da Independência, da beleza das festas, da organização:

Todo mundo participava, quem não participasse levava pau. [...] eu mesmo nunca quis sair representando nada não. Era de farda mesmo, normal. Mas tinha as apresentações de D. Pedro, de tudo. Hoje em dia é que tem mais coisa, que até a tabaroice que nem faz parte no sete de Setembro botam. (ALMEIDA, 2010).

[...] eram festas organizadas pelos próprios professores, pelo diretor, pelo secretário, pessoas dedicadas... Todos participavam, eram festas lindas naquele tempo. (ANDRADE, 2010).

Na formatura tinha a missa, à noite tinha a colação de grau e o baile. [...] a turma toda se reunia fazia festinha, angariava fundos, colava grau, tudo lá no “Murilo”. (TAVARES MELO, 2011).

A formatura era uma festa que ficava a cargo do próprio aluno. O colégio entrava com alguma coisa assim na solenidade, mas os convites, o baile ficava por nossa conta. Então, no 3º ano nós fazíamos um grupo, como hoje fazem na universidade, um grupo responsável pela formatura, juntávamos o dinheiro pra fazer o baile, contratar orquestra, não tinha coquetel, não tinha nada disso. Só tinha a missa, que era promovida pelo colégio e nós organizávamos a solenidade da colação de grau. (OLIVEIRA, 2011).

---

<sup>10</sup> Foi encontrada, entre os arquivos da escola, uma carta redigida em quatro páginas relatando sobre um caso de expulsão/transferência de aluno por motivos de indisciplina e desrespeito.

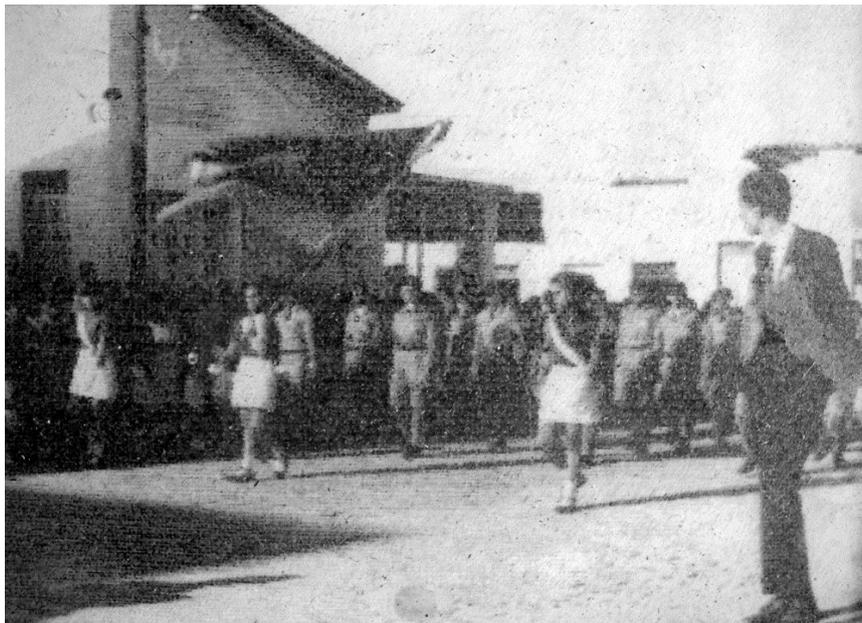


Fig. 9 – Desfile cívico. Fonte: Memorial do CEMB.



Fig. 10 – Juramento da formatura da turma de 1967. Fonte: Acervo de Margarida Oliveira.

Quando solicitados que falassem sobre as práticas de ensino, dos estágios, não é uma lembrança muito resguardada nas memórias de todos. Mas também se registrou o processo vivido no estágio como normalista.

Não tenho muita lembrança, do estágio passou, eu não tenho muita lembrança. Não sei por que, que fase foi essa que eu não tenho muita lembrança. Me lembro da gente dando aula no próprio Murilo Braga, numa sala de aula de preparação para o exame de admissão. (ANDRADE, 2010).

O estágio foi... No final. Eu não sei mais nem onde foi, acredita? Não tô lembrada não... Eu só não me lembro em quanto tempo foi, de jeito nenhum. Eu tremia que só faltava morrer no estágio. (ALMEIDA, 2010).

Observa-se no currículo das matérias ministradas que a disciplina de Metodologia de Ensino Primário está disposta na primeira série do curso até o ano de 1966, ocorrendo também a sua permuta em alguns períodos na segunda e terceira séries. Isso pode justificar a falta de nitidez das entrevistadas quanto ao período suscitado.

Bom, o “Murilo Braga” tinha uma escola que chamava Escola de Aplicação Zenaide Shultz, era uma escola que funcionava de 1ª à 4ª série lá no próprio Murilo Braga; tinha os professores titulares, mas aquela escola era uma escola de treinamento pra o curso de formação de professores. Então, os professores de Didática sempre nos davam tarefa de fazer observação a partir do 2º período, e no 3º ano nós tínhamos o período que nós íamos assumir, e aí o professor da sala ia ser o nosso fiscal... Passávamos um mês, todos os dias da semana; estudávamos à tarde e ensinávamos pela manhã. (OLIVEIRA, 2011).

Em três dos depoimentos coletados, os ex-alunos comentam sobre o currículo, ou a ausência de um currículo voltado para formar professores para atuar na área rural: “[...] Só tinha disciplina voltada para educação. Naquela época o ensino, tudo era a base da política...” (MELO, 2011).

Não tinha nada específico para área rural, e devia ser, né?! E naquele tempo a gente nem se tocava, nem questionava. Eu perguntei uma vez: por que rural? Aí, uma pessoa da diretoria disse: “É porque essa localização aqui ela está na zona rural, isso aqui é zona rural.” (TAVARES MELO, 2011).

Eu não sei nem de onde tiraram esse rural, deve ter sido da construção da escola já que Itabaiana era uma cidade pequena; aí falava nessa história de escola rural, de rural ela não tinha nada. Pra ser uma escola rural, ou ela teria disciplina, curso pra agricultura... não tinha, nunca teve. Era só um curso de preparação para você ser professora polivalente. (OLIVEIRA, 2011).

Contudo, se se apresentava a região como sendo pertencente à zona rural, não se atendia às exigências de uma cultura escolar com compromisso de qualificar docentes, dotando-os dos conhecimentos necessários às práticas agrícolas. Tornando esse discurso esvaziado de coerência e seriedade com o direito e a formação instrucional dos indivíduos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição em debate deu seu advento na cidade de Itabaiana em 1949, tendo como seus idealizadores: o governador Dr. José Rollemberg Leite (1947-1950) e o Diretor Geral de Ensino, professor Acrísio Cruz. A escola foi fundada obedecendo aos dispositivos das Leis 8.530 de 02 de janeiro de 1946 (Lei orgânica do Ensino Normal) e 212 de 29 de novembro de 1949 (Ato de criação das duas Escolas Normais Rurais no interior do estado). Porém, o que se propaga nesta última, em seu Art. 3º, que fala sobre a exclusividade dos professores formados por essas escolas rurais regerem escolas primárias rurais, não tem o seu cumprimento. E nem se observa em seu currículo uma preparação para o domínio das técnicas agrícolas que deveriam ser repassadas para os descendentes de agricultores da região, se essa era a proposta da escola rural.

De fato essa característica não era de exclusividade da Escola Normal Murilo Braga, a problemática se estendia a outras instituições também; como a Escola Normal Rural de São Paulo, que apesar de conter algumas disciplinas focadas nesse sentido, não tinha como preocupação primeira; e a Escola Normal Rural de Vitória da Conquista igualmente não abordava nenhum conteúdo que atendesse aos requisitos de um ensino rural.

Primeiro que, a lei/justiça era complacente ou fazia “vistas grossas” à subversão e à tirania dos donos do poder local. É citado, de forma direta ou indireta, pelos ex-normalistas a falta de esclarecimento e o autoritarismo exacerbado dos distintos chefes políticos, e o que era conclamado por estes tornava-se lei na cidade. Em segundo, o currículo era uma cópia quase que perfeita das disciplinas presentes na proposta estrutural de formação de professores primários da Lei 8.530, sendo também uma miscelânea com as propostas do Instituto de Educação da capital, que segundo Nunes Mendonça (1958) era a grande influência para as mais novas instituições do estado.

A implantação aligeirada pelo caráter de urgência e a ausência de preparação adequada dos profissionais, talvez não tenham deixado alternativa para uma reflexão quanto ao currículo, a priori. Mas, é inaceitável que isso se prolongue por mais de vinte anos de existência da instituição. Como se pode perceber, o curso de formação de professores primários para a área rural carecia mais que de boas intenções, e sim de bases sólidas de uma educação condigna, bem como de análises reflexivas das suas propostas. Está também presente nas falas que, o quadro de professores não era formado só de pessoas com os devidos títulos para assumir as cadeiras de disciplinas, muitos

eram convocados devido a uma formação superior ou um conhecimento a mais sobre determinado conteúdo; citam bacharéis, odontólogos, médicos, comerciantes, entre outros. Mesmo assim, a educação recebida era motivo de orgulho e satisfação entre os normalistas, pois a oportunidade de estudar lá foi única, e sentem-se realizados, em sua maioria, com a profissão fruto de uma preparação sólida e profícua recebida pela instituição, segundo os ex-estudantes.

Os entrevistados fizeram suas trajetórias estudantis na instituição passando pelo ensino ginasial, prestaram o exame de admissão e enveredaram pelo curso normal. A idade entre eles está entre 62 e 72 anos; cursaram o pedagógico em períodos diferentes, porém não demonstram ter experienciado uma cultura político-pedagógica tão distante. Ao passo que, relatam sobre a rigidez e disciplina da administração institucional.

Destarte, é notável que ao longo dos tempos se discutam novas formas/paradigmas de educação, seja do campo, seja da cidade, seja para pobre, seja para os abastados. E a história da educação no Brasil é vasta de avanços e retrocessos, de boas idéias impraticadas. O período que se analisa neste trabalho abarca contribuições relevantes quanto ao pensamento que se adotara para uma reforma do ensino no país, mas isso atrelado a ideologias econômicas e políticas desde sempre, o que não contribui para uma efetiva transformação social.

A necessidade de uma escola de formação de professores para o ensino primário se fazia cada vez mais difundido desde o final do império em todo Brasil, e de lá para cá não se pode negar os avanços quanto aos currículos e aos métodos de ensino, à capacitação de profissionais, e etc. A Escola Normal Rural de Itabaiana foi sem dúvida um lócus de formação docente, com grandes limitações, deveras, mas que fez da cidade serrana o centro das atenções. Porém, nunca se contestou ou discutiu os benefícios que uma educação aliada ao meio rural viesse proporcionar à região se de fato tivesse cumprido seu papel, já que a economia local deve muito à cultura de produtos agrícolas.

A partir da realização desta monografia, posso considerar que houve uma ampliação quanto ao entendimento do processo de parte da história da educação no Brasil, e reconheço a complexidade e extensão que o tema aborda. Seguir cautelosamente os critérios metodológicos da pesquisa requer bastante disciplina, foco e fôlego do pesquisador, mas, sem dúvida, proporciona também grandes ensinamentos e esclarece muitos fatos ocultos nos meandros da cultura educacional.

O fascínio e, ao mesmo tempo, o desolamento que o Saber nos causa, induz a inquietações que somente através da investigação é capaz de nos fazer perceber como

seres incompletos e sedentos de conhecimento. Portanto, esta pesquisa trata-se de um passo tímido em busca de um maior enveredamento por entre os contornos da educação no interior sergipano, seus currículos, suas práticas, suas fontes e suas vozes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Luiz Antônio. **Acrísio Cruz**: Antologia. Aracaju-Se: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

BARROS, Ângela Oliveira. **A formação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itabaiana (1963-1968)**. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

BARROS, Marcos Lima. **A mulher e o Coronelismo em Itabaiana nas primeiras décadas do século XX**: o caso de Carolina Almeida. São Cristóvão, 2008, 7 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

CRUZ, Jocelma Santos. **Agricultura familiar irrigado no município de Itabaiana**: da tradição à tecnologia – caso Poção Ribeira. (1985-2002). Itabaiana, 2002, 157 f. Monografia (Graduação em História). Pólo Regional de Itabaiana, Programa de Qualificação Docente, II, DHI, CECH, UFS.

DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira. Política Educacional, Educação Física e Esportes: o impulso modernizador de José Rollemberg Leite e Acrísio Cruz (1947-1951). In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. vol. , n. 1 (1913). Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2006. p. 217-251.

FARIA FILHO, Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexão em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcos Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.

FERREIRA, Jeane Rodrigues. **A feira livre de Itabaiana (1987-2002)**: como lugar de memória e metamorfoses identitárias. Itabaiana, 2002, 84 f. Monografia (Graduação em História). Pólo Regional de Itabaiana, P.Q.D. II, DHI, CECH, UFS.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de Azul e Branco**: Um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

GÓIS, Manoel Aelson. **Associação olímpica de Itabaiana**: um modo de ser “ceboleiro”. São Cristóvão, 2005, 65 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

GÓIS, Maria Euza de Menezes. **“A glória do passado e a tristeza do presente”**: perímetro irrigado do Açude da Marcela em Itabaiana-SE (1958-1980). Itabaiana, P.Q.D. II, DHI, CECH, UFS.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira**: Leituras. São Paulo: Pioneira Thomson, Learning, 2003.

LEITE, Maria Enivalda. **A participação feminina na política partidária em Itabaiana (1977-2000)**. Itabaiana, 2002, 178 f. Monografia (Graduação em História).

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

- LIMA, José Rivadálvio. **Cinquentenário do Colégio Estadual Murilo Braga (1949-1999)**; Aracaju: J. Andrade Ltda., 2002.
- LIMA, Josileide Aparecida. **Itabaiana: formação núcleo urbano**. São Cristóvão, 2008, 37 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
- LIMA, Valter Rubens Gonçalves de. **Cooperativismo agrícola: trajetória histórica da coopegrste (1969-2002) – Sonho, realidade e frustrações**. Itabaiana, 2002, 171 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; OLIVEIRA, Ana Maria de. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MACHADO, Maria Santos. **Agricultura e irrigação: memórias do perímetro irrigado Jacarecica I, Itabaiana-SE (1987-2002)**. Itabaiana, 2002, 196 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano; FARIAS, Izabel Maria Sabino de. Ruralismo, Memórias e Práticas Educativas no Cotidiano da Primeira Escola Normal Rural do Brasil: a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte – CE (1934 – 1946). In: WERLE, Flávio Obino Corrêa (org.). **Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 53-78.
- MARIANI, Maria Clara. Educação e Ciências Sociais: O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Publicado em Simon Schwartzman, org. **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**, Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, p.167-195. Disponível em: [www.schwartzman.org.br/simon/rio/inep.htm](http://www.schwartzman.org.br/simon/rio/inep.htm), acesso 23/05/2011.
- MENDES, Geisa Flores. **Luzes do saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004. p. 67-129.
- MENDONÇA, Alealdo Wendel Meneses. **Sob o impulso da cristandade: Religiosidade e Poder na Capela do Bom Jesus da Vila de Itabaiana (SE), 1796**. São Cristóvão, 2007, 124 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.
- MENDONÇA, José Antônio Nunes. **A Educação em Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1958.
- MENDONÇA, Jouberto Uchôa; CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques (org.). **Sergipe Panorâmico**. Universidade Tiradentes. Aracaju: UNIT, 2002.
- MONTEIRO FILHO, José. **A quimera do mameluco sonhador: o imaginário das minas no agreste e sertão sergipano (séc. XVIII ao XIX)**. São Cristóvão, 2007, 61 f. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS
- OLIVEIRA, Maria Helena M. M.; GATTI JÚNIOR, Décio. História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico. In: **Cadernos de História da Educação**. v. 1. n°. 1, jan/dez. 2002. p. 73-76.

OLIVEIRA, Maria Vaneide de Andrade. **Elite Itabaianense na Irmandade das Santas Almas do fogo do Purgatório da Vila de Itabaiana (1860-11898)**. São Cristóvão, 2000, 38 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

PEREIRA, Soleide dos Santos. **Memórias da juventude estudantil do Colégio Estadual Murilo Braga em Itabaiana/SE: 1977/1984**. Itabaiana, 2002, 90f. Monografia (Graduação em História).

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta & ANDRADE, Therezinha A utopia que brota do campo: a Educação Rural Em Minas Gerais (1949-1971). In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (org.). **Educação Rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor**. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 99-129.

PRADO, Adonia Antunes. Ruralismo pedagógico no Brasil do Estado Novo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 4, julho, 1995. p. 01-12.

SANTOS, Aldo Franklin dos. **Sob o generoso olhar Antonino: poder, fé e comércio na Festa de São Antônio e Almas de Itabaiana (1968-2002)**. Itabaiana, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **Poder local e relação de dominação. O caso de Itabaiana (1945-1963)**. Aracaju/São Cristóvão, 1993, 179 f. Monografia (Especialização em Ciências Sociais), Núcleo de Pós-graduação em Ciências Sociais, UFS.

SANTOS, Aguinaldo Francisco dos. **Mensagens Mudas de Lamento e Saudade: Incrições Tumulares do Cemitério de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (1887-1963)**. São Cristóvão, 2005, 122 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Elizangela de Jesus. **Uso da guia de livros didáticos de História nas Escolas Públicas no município de Itabaiana-Se – São Cristóvão, 2006, 57 f.** Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Isabel de Carvalho. **Colégio Estadual Murilo Braga, Itabaiana-Se (1949-1999): Uma contribuição à sua história**. 2002. 124f. Dissertação (Licenciatura em História), Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, Se, 2002.

SANTOS, Josivaldo Silva. **“Em tempos de louvor a Santo Antônio...” tradição, fé e mudança na festa dos caminhoneiros em Itabaiana/SE**. Itabaiana, 2002, 159 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Katiane Martins. **As representações iconográficas e a devoção de Santo Antônio na cidade de Itabaiana-Se**. São Cristóvão, 2008, 63 f. Monografia (Licenciatura em História) DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Maria Nazaré Alves Andrade. **Monsenhor Eraldo Barbosa de Almeida na Paróquia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (1939-1955)**. São Cristóvão, 2008. 38 f. Monografia (Licenciatura. História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Maria Nele dos. **A Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)**. Campinas, 1984, 155 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Rita de Cássia. **Tradição, trabalho e modernidade:** a trajetória das olarias do Bairro Marianga em Itabaiana - Sergipe. (1980-2002). Itabaiana, 2002. 13 f. Monografia. (Graduação em história). DHI, CECH, UFS.

SILVA, Acácia da. **Museu da Música de Itabaiana (1998-2002):** um lugar de memória. Itabaiana, 2002, 107 f. Monografia (Graduação em história). DHI, CECH, UFS.

SILVA, Viviam Pereira. **Os súditos da princesa: a rádio Princesa da Serra AM e a influência na vida dos itabaianenses.** São Cristóvão, 2004, 68 f. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

SOUZA, Antônio Lindvaldo. **“Homens que tem parte com o diabo...” Violência, medo e ordem pública no cotidiano dos habitantes das fronteiras e do agreste de Itabaiana, SE (1889-1930).** Belo Horizonte, 1996, 138 f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.

SOUZA, Rosa Fátima. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcos Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

\_\_\_\_\_. **Alicerces da pátria:** História da escola Primária do Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009. p. 148-165.

VASCONCELOS, Marilene da Graça. **Carnavais fora de época em Itabaiana:** de Micareme a Micarana (1950-2002). Itabaiana, 2002, 163 f. Monografia (Graduação em história). DHI, CECH, UFS.

WERLE, Flávia Obino Corrêa et al. Um espaço esquecido de formação do professor: a Escola Normal Rural. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de professores no Rio Grande do Sul.** Pelotas: Ed. Da Universidade Federal UFPel, 2008. V.1.

WERLE, Flávia Obino Corrêa (org.). **Educação Rural em perspectiva internacional:** instituições, práticas e formação do professor. Ijuí: Unijuí, 2007.

**DEPOIMENTOS**

ALMEIDA, Maria Salete dos Santos. Entrevista concedida à autora em 19/11/2010. Itabaiana-SE, 2010.

ANDRADE, Elze Soares. Entrevista concedida à autora em 29/10/2010. Aracaju-SE, 2010.

MELO, José Elson. Entrevista concedida à autora em 04/06/2011. Itabaiana-SE, 2011.

OLIVEIRA, Margarida Maria Andrade de. Entrevista concedida à autora em 09/06/2011. Aracaju-SE, 2011.

TAVARES MELO, Suzaneide. Entrevista concedida à autora em 04/06/2011. Itabaiana-SE, 2011.

# **ANEXOS**

## ANEXO I – Roteiro de Entrevista

### ROTEIRO ENTREVISTA

“Escola Normal Rural Murilo Braga: Formando professores para a área rural? (1949-1969)”

Data da Entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Local da Entrevista:  
\_\_\_\_\_

Entrevistador: \_\_\_\_\_ Tempo de duração: \_\_\_\_\_

Dados do Entrevistado:

Nome do Entrevistado	
Sexo	Fem ( ) Masc. ( )
Idade	
Estado civil	
Cidade/Estado onde nasceu	
Contato telefônico	Celular: Fixo:

- Qual o nível de escolaridade do pai?

\_\_\_\_\_

- Qual o nível de escolaridade da mãe?

\_\_\_\_\_

- Tem irmãos? Quantos?

\_\_\_\_\_

- Nível de escolaridade dos irmãos?

\_\_\_\_\_

- Qual a principal fonte de renda hoje?

\_\_\_\_\_

- Tem filhos? Quantos?

\_\_\_\_\_

- Qual a profissão dos filhos?

\_\_\_\_\_

## Sobre o período como normalista

- 1) Como foi seu ingresso na Escola Normal Rural Murilo Braga? (o ano, a escolha pelo curso, todo o processo).
- 2) Como eram os professores?
- 3) Quais as disciplinas que mais gostava? Por quê?
- 4) Quais as disciplinas que menos gostava? Por quê?
- 5) Como eram as provas?
- 6) Como foi o estágio? (duração, local, acompanhamento).
- 7) Participou de grêmio, jornal, teatro, ou outra atividade na escola?
- 8) Como eram as festas? (cívicas, patrióticas, demais festejos).
- 9) Como era a convivência com os colegas?
- 10) Como era a convivência com a direção?
- 11) Havia biblioteca? Gostava de ler? Que tipo de leituras? Trocava livros com os colegas?
- 12) Do que mais tem saudade da escola?
- 13) O que mais aprendeu na escola? O que foi marcante?
- 14) Como foi a formatura?

## Sobre a atuação na profissão

- 15) Como foi o ingresso na profissão do magistério?
- 16) Como você se sentia em ter o título como professora formada pela E.N.R.M.B.?
- 17) Percebia algum prestígio ou maior valorização pelo ensino da escola?
- 18) Guarda material usado naquela época? (fotos, livros, cadernos, uniformes, cartas, diários, etc.).
- 19) Hoje você se sente reconhecida pela profissão que exerceu? Por quê?
- 20) Como era a relação entre você e seus alunos? O que a Escola Normal lhe proporcionou de indispensável para este convívio?

## ANEXO II

### Quadros de disciplinas por Série e Ano

#### QUADRO I - 1ª SÉRIE

	ANO: 1954 a 1961	ANO: 1962 a 1966
D	Psicologia Educacional	Psicologia Educacional
I	Pedagogia	Pedagogia
S	Português	Português
C	Português	Português
I	Metodologia do ensino primário	Metodologia do ensino primário
P	Biologia	Geografia
L	Biologia	Geografia
I	Matemática	Matemática
N	Matemática	Matemática
A	Literatura	História
S	Desenho e Artes Aplicadas	Desenho e Artes Aplicadas
	Música e Canto	Música e Canto
	Educação Física	Educação Física

	ANO: 1966	ANO: 1967
D	Psicologia Educacional	Psicologia Educacional
I	Psicologia Educacional	Psicologia Educacional
S	Inglês	Ciências Físicas e Biológicas
C	Inglês	Ciências Físicas e Biológicas
I	Português	Português
P	Português	Português
L	Didática	Didática
I	Didática	Didática
N	Ciências Físicas e Biológicas	Inglês
A	Geografia	Matemática
S	Geografia	Matemática
	História	Geografia

ANO: 1968	
D	Psicologia Educacional
I	
S	Ciências Físicas e Biológicas
C	
I	Português
P	Didática
L	Inglês
I	
N	Geografia
A	
S	História

ANO: 1969	
D	Psicologia Educacional
I	
S	Ciências
C	
I	Português
P	Didática
L	Inglês
I	
N	Geografia
A	
S	História

## QUADRO II - 2ª SÉRIE

	ANO: 1955 e 1956		ANO: 1957 a 1961
D I S C I P L I N A S	Psicologia Educacional Prática Português Metodologia do ensino primário Puericultura Sociologia Literatura Desenho e Artes Música e Canto Educação Física	D I S C I P L I N A S	Português Literatura Metodologia Psicologia Sociologia Puericultura Prática Administração Desenho Canto Orfeônico Educação Física
D I S C I P L I N A S	ANO: 1962	D I S C I P L I N A S	ANO: 1963 e 1964
D I S C I P L I N A S	Português Matemática Pedagogia Metodologia Psicologia Administração Desenho Canto Orfeônico Educação Física	D I S C I P L I N A S	Psicologia Pedagogia Português e Literatura Metodologia Administração Matemática História Geral

ANO: 1965 a 1969

D	Psicologia
I	Inglês
S	
C	Português
I	Didática
P	
L	Administração
I	
N	Matemática
A	História
S	

### QUADRO III – 3ª SÉRIE

ANO: 1963		ANO: 1964	
D		D	
I	Psicologia Educacional	I	Psicologia Educacional
S		S	
C	Administração	C	Administração
I	Português	I	Literatura
P		P	
L	Metodologia do ensino primário	L	Metodologia do ensino primária
I	Pedagogia	I	Pedagogia
N		N	
A	Biologia	A	Biologia
S	Educação física	S	

ANO: 1965		ANO: 1966	
D		D	
I	Psicologia Educacional	I	Psicologia Educacional
S		S	
C	Pedagogia	C	Administração
I	Português e Literatura	I	Português
P		P	
L	Metodologia do ensino primário	L	Metodologia da matemática
I	Administração	I	Didática da ciência
N		N	Didática dos Estudos Sociais
A		A	Didática da Língua Pátria
S		S	

ANO: 1967	
D	
I	
S	Psicologia Educacional
C	Prática
I	Português
P	
L	Didática da Matemática
I	Filosofia
N	
A	Administração
S	Didática dos estudos sociais
	Estatística da matemática
	Didática da língua pátria
	Educação Física

ANO: 1968	
D	
I	
S	Psicologia Educacional
C	Prática
I	Português
P	
L	Metodologia da matemática
I	Didática dos estudos sociais
N	
A	Didática da linguagem
S	Administração
	Filosofia

ANO: 1969	
D	
I	
S	Psicologia educacional
C	Prática
I	Português
P	
L	Metodologia do ensino primário
I	Matemática
N	
A	Didática da Ciência dos Estudos Sociológicos
S	Administração
	Filosofia da educação
	Didática da Linguagem
	Estudo da Matemática

Quadro IV – Professores e disciplinas ministradas no Curso Normal de 1954 e 1955

Professores	Disciplina (1954)	Professores	Disciplina (1955)
Melquíades José de Souza	Português	Alfredo Alves de Oliveira	Português
	Psicologia		Literatura
	Matemática		Puericultura
	Literatura Portuguesa		Administ. Escolar
Ieda Tavares Silveira	Pedagogia	Pedro Ivo de C. Neto	Matemática
	Metodologia		Metodologia
Pedro G. Moreno Filho	Biologia	José da Silva Rocha	Psicologia
Lenita Porto Pereira	Música e canto orfeônico		Desenho e Artes Aplicadas
José Guimarães	Educação Física	Basílio T. de Alencar	Educação Física
Cecília Teixeira	Biologia	Carlos Augusto Santos	Pedagogia, Música e Canto Orfeônico
-	-	Luis Carlos Fontes de Alencar	Sociologia

Fonte: José Rivadálvio Lima (2002:48-49).

Quadro V – Relação de alunos - 1ª Série

NOME	ANO
Luza Mabel Noronha de Oliveira	1957
Sélia Maria de Siqueira	1957
Florací Alves dos Santos	1957
Josefa Maria de Lima	1957
Maria de Lourdes Conceição	1957
Maria Marlene de Oliveira	1957
Marivalda Alves de Oliveira	1957
TOTAL	07
Florivalda Alves dos Santos	1958
Irla Maria Andrade	1958
Maria Elvanira de Lima	1958
Maria Ione de Góis	1958
Maria José Barrozo	1958
TOTAL	05
Iêda Teixeira Lôbo	1959
José Geraldo de Menezes	1959
Josefa Vera de Siqueira	1959
Maria Andrade Santos	1959
Maria José Noronha	1959
TOTAL	05
Clara Maria Oliveira	1960
Edmar Nêris dos Santos	1960
Maria Virgínia Lima	1960
Marineuza Alves de Menêzes	1960
Sueli Pereira Lima	1960
Vivaldo Menezes	1960
TOTAL	06
Josefa da Silva de Jesus	1961
Maria Aparecida Andrade	1961
Maria Dalva Vasconcelos	1961
Maria de Lourdes Santos	1961
Maria Helena Gois	1961
TOTAL	05
Floralice Alves Santos	1962
José Elson da Silva Melo	1962
Maria Berenice Gois	1962
Maria Bernadete Vasconcelos	1962
Maria Giselda Santos	1962
Maria Luzia de Menêzes	1962
TOTAL	06
Cleide Nadja Costa de Santana	1963
Edezuita Araujo	1963
Estelita Maria Andrade	1963
Floripes Alves dos Santos	1963

Josefa Iara Santos	1963
Maria Agda Menêses	1963
Maria do Carmo Tavares	1963
Maria Eulalia Melo Araujo	1963
Maria Inadi do Amaral	1963
Maria Neusa Machado	1963
Maria Virginia Carvalho Lima	1963
Maria Zulêda de Oliveira	1963
Nivalda Lima	1963
Suzaneide Tavares	1963
Zelinda Andrade Santos	1963
TOTAL	15
Ângela Maria Magalhães Garcia Moreno	1964
José Walter de Menezes	1964
Josefa Cecília dos Santos	1964
Josefa Suzana de Almeida	1964
Laudelina da Silva de Jesus	1964
Luiz Antônio Santana	1964
Maria do Carmo Machado	1964
Maria Izabel Machado	1964
Marilene Souza	1964
Neuza Vieira Lima	1964
Zoraide Andrade	1964
TOTAL	11
Ângela Maria Lôbo	1965
Edilde de Menezes	1965
Iara Maria de Oliveira	1965
Lenir Vieira Santos	1965
Maria Aparecida de Oliveira	1965
Maria da Glória T. Almeida	1965
Maria do Carmo Costa	1965
Maria Euza dos Santos	1965
Maria Lúcia de Oliveira	1965
Rosangela Teixeira Lôbo	1965
Veralúcia Roque Macedo	1965
TOTAL	11
Ana Izabel Costa Lima	1966
Edna Maria Rezende Barros	1966
Gilda Silveira	1966
Josefa Angélica dos Anjos	1966
Josefa Marlene Santos	1966
Joseiza Lima de Jesus	1966
Luza Mabel Magalhães	1966
Maria Auxiliadora Almeida	1966
Maria da Graça Santana	1966
Maria Djalmira de Oliveira	1966
Maria Jesus	1966

Maria José de Oliveira	1966
Maria Neuzice Santos	1966
Maria Nezilde Santos	1966
Maria Odete do Nascimento	1966
Maria Salete dos Santos	1966
Maria Selma de Souza	1966
Mirian de Jesus Océa	1966
Vera Cândida Costa de Santana	1966
TOTAL	19
Ducelina Pinho Modesto	1967
Geane Souza Santos	1967
Geovane Souza Santos	1967
Gicélia Maria Santana	1967
Gresce Meire Costa Santana	1967
Josefa Nicielma Santana	1967
Josilda Alice da Graça	1967
Margarida Maria Andrade	1967
Maria Cândida Costa	1967
Maria Celi de Andrade	1967
Maria do Carmo Lima	1967
Maria Isabel de Góis	1967
Maria José da Costa	1967
Maria José Tavares Xavier	1967
Maria Lourdes Santos	1967
Maria Luiza Peixôto	1967
Maria Ozana Almeida	1967
Maria Viana de Andrade	1967
Maria Vieira dos Santos	1967
TOTAL	19
Adnoalda Santos	1968
Airton de Oliveira Silva	1968
Ana Hilda Menêses	1968
Cássia Magalhães Garcia Moreno	1968
Célia Maria de Souza	1968
Edivalda Lima	1968
Edla Maria Rezende Barros	1968
Eliana Maria Ferreira	1968
Elizabete Maria de Moraes	1968
Emília Aragão Milet	1968
Ilda Andrade	1968
Iracema Montalvão Barreto	1968
Iraildes Oliveira Santos	1968
Joana Araújo de Santana	1968
Josefa Bernadete Oliveira	1968
Maria Agnalda Santana	1968
Maria Angélica Costa	1968
Maria Auxiliadora Oliveira	1968

Maria Bernadete Menezes	1968
Maria Creuza da Silva	1968
Maria de Fátima Santos	1968
Maria de Lourdes Costa	1968
Maria do Carmo Machado	1968
Maria Izabel de Morais Santos	1968
Maria José Mendonça	1968
Maria José Menezes	1968
Maria Nazaré Araújo	1968
Maria Telma de Oliveira	1968
Maria Vieira dos Santos	1968
Neuza Leite de Andrade	1968
Rosa Maria Andrade	1968
Silvana Mércia Costa Santana	1968
Sônia Maria Oliveira Carvalho	1968
Suzaneide Oliveira Noronha	1968
TOTAL	34
Bernadete Menezes Corcínio	1969
Edilena Oliveira Santos	1969
Elenilde Ferreira dos Santos	1969
Elizabeth Lima	1969
Heloina Maria dos Santos	1969
Josefa Suzana Menezes	1969
Joseilma Alves dos Santos	1969
Josenita Ferreira de Oliveira	1969
Maria de Lourdes Santana	1969
Maria do Carmo Nunes	1969
Maria Hortencia dos Santos	1969
Maria José Nogueira Silva	1969
Maria José Santos	1969
Maria Menezes Santos	1969
Maria Rita Lapa	1969
Maria Sônia de Oliveira	1969
Maria Valnaci Santiago	1969
Marinalva dos Santos	1969
Marivar Gois	1969
Marleide Noronha Cedro	1969
Vera Lúcia da Graça Santos	1969
Vesta Maria Góis	1969
TOTAL	22

Fonte: SERGIPE. Colégio Estadual Murilo Braga. Livro de matrícula e livro de resultados finais. (2011).

Quadro VI – Relação de Alunos – 2ª série

NOME	ANO
Elze Soares Feitosa	1955
Estela Menezes Santos	1955
Helenita Soares Feitosa	1955
Josefina Gentil de Oliveira	1955
Maria de Lourdes Santos	1955
Maria Pureza da Conceição	1955
Maria Tereza Fagundes	1955
Raimunda Santana	1955
TOTAL	08
José Gabriel de Andrade	1956
Maria do Carmo Andrade	1956
Maria Jesonita do Amaral	1956
Maria José de Oliveira	1956
Maria Luzia de Lima	1956
Maria Santana de Menezes	1956
TOTAL	06
Anamaria Vasconcelos	1957
Josefa Jussara Noronha de Oliveira	1957
Lêda Maria de Araújo Tavares	1957
Maria Auxiliadora Mesquita	1957
Maria Lúcia de Oliveira	1957
Marilene Teixeira Lôbo	1957
Marinauta Eugênia Cunha	1957
TOTAL	07
Floraci Alves dos Santos	1958
Josefa Maria de Lima	1958
Luza Mabel Noronha de Oliveira	1958
Maria de Lourdes Conceição	1958
Marivalda Alves de Oliveira	1958
Sélia Maria Siqueira	1958
TOTAL	06
Florivalda Alves dos Santos	1959
Irla Maria Andrade	1959
Maria Iône de Góis	1959
Maria José Barroso	1959
TOTAL	04
Ieda Teixeira Lôbo	1960
José Oswaldo de Menezes	1960
Josefa Vera de Siqueira	1960
Maria Andrade Santos	1960
Maria José Noronha	1960
TOTAL	05
Clara Maria Oliveira	1961

Edmar Neris dos Santos	1961
Ieda Teixeira Lôbo	1961
Marineuza Alves de Menêzes	1961
Suely Pereira Lima	1961
TOTAL	05

Josefa da Silva de Jesus	1962
Maria Aparecida Andrade	1962
Maria Dalva Vasconcelos	1962
Maria de Lourdes Santos	1962
Maria Helena Gois	1962
TOTAL	05

Floralice Alves Santos	1963
José Elson da Silva Melo	1963
Maria Berenice Gois	1963
Maria Bernadete Vasconcelos	1963
Maria Gizelda dos Santos	1963
Maria Luzia de Menezes	1963
TOTAL	06

Adezuíta Araújo	1964
Cleide Nadja Costa de Santana	1964
Estelita Maria Andrade	1964
Floripes Alves dos Santos	1964
Josefa Iara Santos	1964
Maria Agda Meneses	1964
Maria do Carmo Tavares	1964
Maria Eulalia Melo de Araujo	1964
Maria Neuza Machado	1964
Maria Virginia Lima	1964
Maria Zulêda Oliveira	1964
Nivalda Lima	1964
Suzaneide Tavares	1964
Zelinda Andrade Santos	1964
TOTAL	14

José Walter de Menêses	1965
Josefa Cecília dos Santos	1965
Josefa Suzana de Almeida	1965
Laudelina da Silva de Jesus	1965
Luiz Antônio Santana	1965
Maria do Carmo Machado	1965
Maria Izabel Machado	1965
Marilene Souza	1965
Neuza Vieira Lima	1965
TOTAL	09

Edilde Meneses	1966
Iara Maria de Oliveira	1966
Lenia Vieira Santos	1966
Maria Aparecida de Oliveira	1966
Maria da Gloria Tavares de Almeida	1966
Maria do Carmo Costa	1966
Maria Euza dos Santos	1966
Maria Lucia de Oliveira	1966
Rosangela Teixeira Lobo	1966
Vera Lucia Roque Macêdo	1966
TOTAL	10
Edna Maria Rezende Barros	1967
Gilda Silveira	1967
Josefa Angélica dos Santos	1967
Josefa Marlene Santos	1967
Joseísa Lima de Jesus	1967
Luiz Antônio Santana	1967
Luza Mabel Magalhães	1967
Maria Auxiliadora Almeida	1967
Maria da Graça Santana	1967
Maria de Jesus	1967
Maria Djalmira de Oliveira	1967
Maria José de Oliveira	1967
Maria Neuzice Santos	1967
Maria Nezilde dos Santos	1967
Maria Odete Nascimento	1967
Maria Salete dos Santos	1967
Maria Selma de Souza	1967
Mirian de Jesus Océa	1967
Vera Cândida Costa Santana	1967
Vera Mônica Meneses	1967
TOTAL	20
Ducelina Pinho Modesto	1968
Geane Souza Santos	1968
Geovana Souza Santos	1968
Gicélia Maria Santana	1968
Gresse Meire Costa de Santana	1968
Josefa Nicielma Santana	1968
Josilda Alice da Graça	1968
Margarida Maria Andrade	1968
Maria Cândida Costa	1968
Maria Celi Andrade	1968
Maria de Lourdes Santos	1968
Maria do Carmo Lima	1968
Maria Izabel de Góis	1968

Maria José da Costa	1968
Maria José Tavares Xavier	1968
Maria Luzia Peixoto	1968
Maria Ozana Almeida	1968
TOTAL	17

Adnoalda Santos	1969
Airton de Oliveira Silva	1969
Ana Hilda Menezes	1969
Ana Izabel Costa Lima	1969
Cassia Magalhães Garcia Moreno	1969
Célia Maria de Souza	1969
Ednalda Lima	1969
Eliana Maria Ferreira	1969
Elizabete Maria de Moraes	1969
Emilia Aragão Milet	1969
Ilda Andrade	1969
Iracema Montalvão Barreto	1969
Iraildes Oliveira Santos	1969
Joana Araujo de Santana	1969
Josefa Bernadete Oliveira	1969
Maria Angelica Costa	1969
Maria Auxiliadora Oliveira	1969
Maria Bernadete Menezes	1969
Maria Creuza da Silva	1969
Maria de Fátima Santos	1969
Maria de Lourdes Costa	1969
Maria do Carmo Machado	1969
Maria Izabel de Moraes Santos	1969
Maria José Mendonça	1969
Maria José Menezes	1969
Maria Nazaré Araújo	1969
Maria Telma de Oliveira	1969
Rosa Maria Andrade	1969
Silmara Mercia C. Santana	1969
Silvania de Oliveira Noronha	1969
Sonia Maria Oliveira Carvalho	1969
TOTAL	31

Fonte: SERGIPE. CEMB. Livro de Resultados Finais. (2011).

Quadro VII – Relação de Alunos – 3ª série.

NOME	ANO
Cleide Nadja Costa Santana	1965
Edezuíta Araújo	1965
Maria Inadí do Amaral	1965
Maria Neuza Machado	1965
Nivalda Lima	1965
TOTAL	05
José Walter de Meneses	1966
Josefa Cecília dos Santos	1966
Josefa Suzana de Almeida	1966
Maria do Carmo Machado	1966
Maria Isabel Machado	1966
Marilene Souza	1966
TOTAL	06
Angela Maria Lôbo	1967
Edilde Menezes	1967
Lúcia Vieira Santos	1967
Maria Aparecida de Oliveira	1967
Maria da Glória Tavares Almeida	1967
Maria do Carmo Costa	1967
Maria Lúcia de Oliveira	1967
Maria Luiza dos Santos	1967
Neusa Vieira Lima Steinbach	1967
Rozangela Teixeira Lobo	1967
TOTAL	10
Edna Maria Rezende Barros	1968
Gilda Oliveira	1968
Josefa Angélica dos Anjos	1968
Josefa Marlene Santos	1968
Joseiza Lima de Jesus	1968
Luza Mabel Magalhães	1968
Maria Auxiliadora Almeida	1968
Maria da Graça Santana	1968
Maria de Jesus	1968
Maria Djalmira de Oliveira	1968
Maria José de Oliveira	1968
Maria Necilde Santos	1968
Maria Odete Nascimento	1968
Maria Salete dos Santos	1968
Maria Selma de Souza	1968
Mirian de Jesus Océa	1968
Vera Cândida Costa de Santana	1968
Vera Mônica Meneses	1968
TOTAL	18
Ana Izabel Costa Lima	1969

Ducelina Pinho Modesto	1969
Geovane Souza Santos	1969
Gicélia Maria Santana	1969
Gresse Meire Costa de Santana	1969
Jeane Souza Santos	1969
José Máximo	1969
Josefa Nicielma Santana	1969
Josilda Alice da Graça	1969
Margarida Maria Andrade	1969
Maria Cândida Costa	1969
Maria Celi Andrade	1969
Maria de Lourdes Santos	1969
Maria do Carmo Lima	1969
Maria Izabel de Góis	1969
Maria José da Costa	1969
Maria José Tavares Xavier	1969
Maria Luzia Peixoto	1969
Maria Ozana Almeida	1969
Maria Viana de Andrade	1969
Regina Maria Carvalho Passos	1969
Rose Mary Lima	1969
TOTAL	22
Airton de Oliveira Silva	1970
Alda Andrade	1970
Cassia Magalhães Garcia Moreno	1970
Emilia Aragão Milet	1970
Iracema Montalvão Barreto	1970
Josefa Bernadete Oliveira	1970
Maria Angélica da Costa	1970
Maria Auxiliadora Oliveira	1970
Maria Creuza da Silva	1970
Maria Telma de Oliveira	1970
Suzaneide Oliveira Noronha	1970
TOTAL	11

Fonte: SERGIPE. Colégio Estadual Murilo Braga. Livro de Notas e resultados finais. (2011).

### Quadro VIII – Funcionários

NOME	CARGO/FUNÇÃO	ANO
Ana Paz da Costa Melo	Zelador	1951
Antônio Francisco de Menezes	Porteiro	1951
Dalva Bezerra Rodrigues	Inspetor de Alunos	1951
José Alves de Andrade	Ap. de Campo	1951
José Alves dos Santos	Inspetor de Alunos	1951
José Alves dos Santos	Servente	1951
José Cardoso da Silva	Servente	1951
José Jerônimo dos Santos	Ap. de Campo	1951
José Selvino de Santana	Servente	1951
Josefa das Mercês Santana	Datilógrafo	1951
Josiniano dos Santos	Mecânico-eletr.	1951
Melquíades José de Souza	Secretário	1951
Roberio Santos	Servente	1951

Fonte: SERGIPE. Colégio Estadual Murilo Braga. Livro de Ponto dos funcionários. (2011).

## IMAGENS EXTRAS



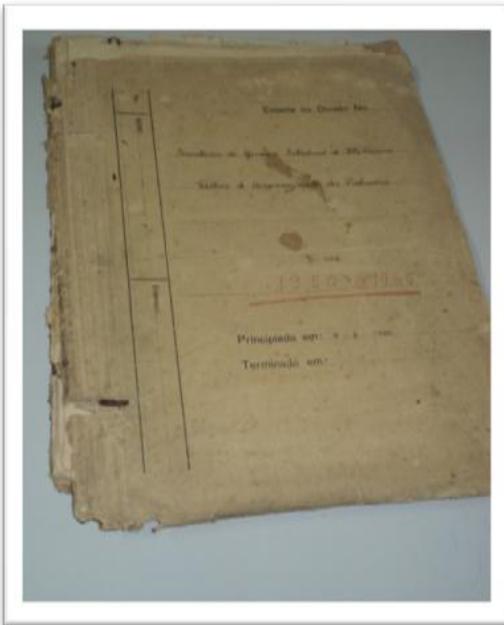
Distribuição espacial do Colégio Estadual Murilo Braga. Acervo da autora, 2011.



Memorial desativado do CEMB. Acervo da autora, 2011.



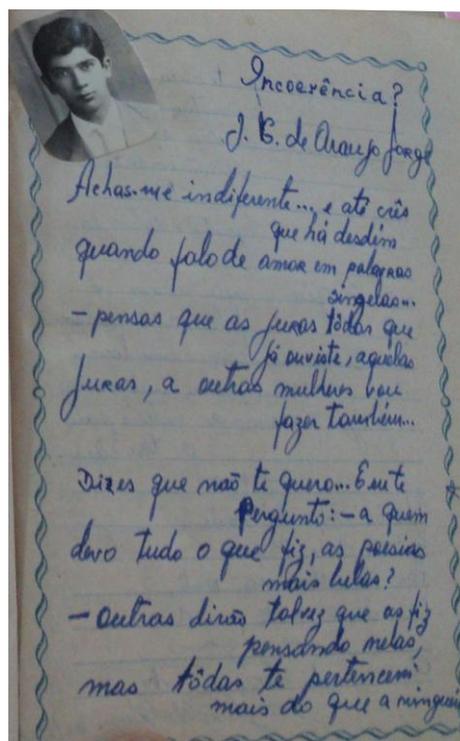
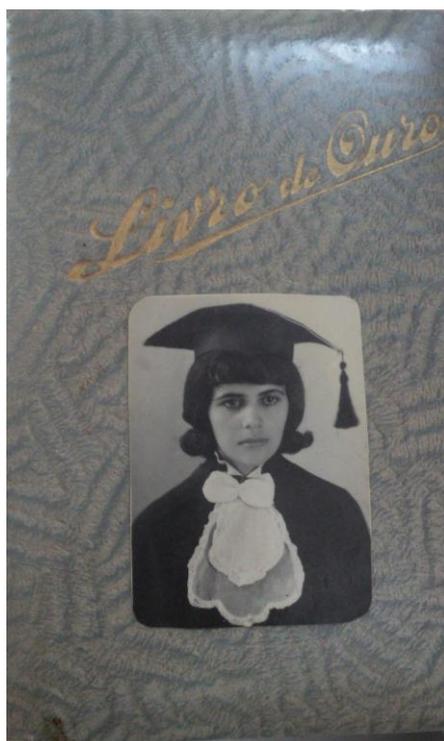
Sala da Biblioteca, Acervo do CEMB. s/d.



Caderno de Pontos dos professores e Diário de Classe do Curso Ginásial de 1958.



Mapa de Formandas do curso Normal de 1966. Acervo do CEMB.



Livro de Ouro do Curso de Formação de Professores de 1963. Por Suzaneide Tavares Melo.